

ARTIGOS

artigos

TEOLOGIA, FÉ E RAZÃO EM ISAAC NEWTON

ANTONIO TADEU F. AMADO*

O Paraíso.

Da leitura do Gênese se infere que Adão, nosso primeiro pai não usava toga ministerial ou acadêmica, manto de rei ou anel de bispo

Não trazia tampouco jarreteiras ou barrete,
Nem gravata cinza para reuniões de diretório,

Nem jaleco de físico nuclear,

Nem lapela para distintivo de partido,

Nem uniforme de hippie ou de boêmio,

E sua excentricidade era tão extrema,

Que tampouco queria usar calças;

Acho que deveriam reler o Gênesis, pois as palavras sagradas sempre ensinam algo.

[Sara Zapata Valeije - Buenos Aires 1982].

RESUMO

Neste ensaio, pretendo apresentar um Isaac Newton (1642-1727) que revela um aspecto essencial da sua personalidade intelectual que se encontrava ausente em sua imagem tradicional. Após sua morte deixou um volumoso conjunto de manuscritos não publicados, em sua maior parte inacabados, que estão diretamente ligados a religião. Combinou uma mistura muito interessante de erudição bíblica moderna com uma aplicação à compreensão do Livro Sagrado (a Bíblia); exegeses dos livros apocalípticos e proféticos, história da Igreja antiga, estudos sobre instituições judaicas, uma cronologia, etc. Esses textos, receberam desde a década de setenta do séc XX, uma crescente atenção científica. Newton escreveu muito sobre a Bíblia como um documento histórico, sobre a precisão da cronologia bíblica e sobre a mensagem da bíblica; com uma firme convicção de que, na leitura apropriada do texto bíblico haveria um plano para a história humana e mundial.

Suas indagações teológicas giram ao redor de uma interpretação altamente heterodoxa do Apocalipse de São João e sua relação com as Profecias de Daniel, adotando uma interpretação protestante que identifica a bestia bicorne (Apo 13, 11) com a Igreja Católica ocidental, indo mais além, ao identificar seu nascimento na Igreja trinitária que se impôs no séc. IV como resultado da chamada controvérsia ariana. Desse modo, Isaac Newton se situava clandestinamente na posição herética tanto para a Igreja Católica como para a Igreja Anglicana (protestante), da qual era um crente fervoroso, pois considerava o dogma da Santíssima Trindade como uma corrupção alheia ao cristianismo primitivo. O artigo pretende oferecer uma explicação, contrariando o sentido das opiniões para esse comportamento de Newton, não o considerando nem convertido ao arianismo, tampouco herético, parecendo mais uma atitude rebelde contra

* Físico. Aprovado como Professor Titular de Física Geral em 1993 (Parecer UCS/CEPe nº17/93). É professor de Mecânica Clássica, Física Moderna e História da Matemática no Curso de Matemática. Membro da Equipe de Professores de Problemas do Homem Contemporâneo. *Professional Member of New York Academy of Sciences.*

a tradição aceita e influenciado por alguns fatos históricos da época. No entanto continua sendo uma questão em aberto.

PALAVRAS CHAVE

fé e razão, fé, religião, trinitarismo, dogma da Santíssima Trindade

INTRODUÇÃO

Seria possível compreender o mundo sem alguma espécie de crença? Essa é uma pergunta que o físico brasileiro, o Prof. Marcelo Gleiser¹ fez no início de seu artigo em sua coluna dominical no jornal Folha de São Paulo². Sua resposta, longe de ser um clichê como de muitos autores, é consequência de sua experiência pessoal, considerando a questão como central na dicotomia entre a Ciência e a Fé. Conforme sua resposta, a tensão vem da crença de que duas realidades independentes existem em pé de igualdade; uma que pertence a este mundo (e que é, portanto, conhecível), e outra fora dele (e que é, portanto, desconhecível ou inescrutável). De forma geral, o agnosticismo científico se contenta em deixar a questão sobre a existência de D'us no campo das coisas que não lhe dizem respeito.

Iniciar este estudo pelo título “Escrituras na Ciência”, não significa fazer uma *imersão da Escritura Sagrada na Ciência* e muito menos o inverso, mas procurar fundamentar e *perscrutar as camadas* do pensamento teológico de Sir Isaac Newton. O leitor vai perceber que sua crença não é um ato novo, totalmente seu a partir da estaca zero e muito menos um subproduto dos devaneios de sua velhice e de seu declínio intelectual³, como tem sido ensinado há anos aos alunos dos cursos de Ciências Exatas em geral e principalmente no Brasil, onde o agnosticismo de muitos dos cientistas brasileiros não passa na verdade de um *sincretismo religioso* em muitos casos.

O estudo visa ajudar a compreender que sua rebeldia não se dá apenas na Física e na Matemática, mas ela se aprofunda em sua religiosidade. Sua crença em D'us era a base de sua existência. Tendo nascido meses depois do falecimento do pai, privado aos três anos de conviver com a mãe que havia contraído casamento com Barnabas Smith (1582- 1653) o reitor de North Withan⁴, excluído completamente do testamento do avô Ayscough⁵ e percebendo-se

¹ Professor de Física e Astronomia do Dartmouth College, em Hanover (EUA).

² Caderno Ciência + Saúde em 19/08/2012.

³ Essa história tem origem cem anos após o falecimento de Isaac Newton, a partir de uma conversa de Pierre-Simon de la Place (conhecido como Laplace) com Napoleão, sintetizando a *secularização da Física* de Newton. Considerando que Newton acreditava que a Providência Divina era necessária para defender a criação, Laplace escreveu que *Deus está fora da equação*. Laplace é importante para a história dessa *ideológica transformação* por uma segunda via, pois era ele, juntamente com outro cientista francês, Jean-Baptiste Biot, que popularizaram a história de que Newton sofreu um desarranjo intelectual depois de um suposto incêndio ocorrido em 1693 que destruiu uma grande quantidade de seus manuscritos (na verdade o problema da crise newtoniana tem mais haver com o rompimento da amizade com Nicolas Fatio de Duillier, um matemático e astrônomo suíço). Após este colapso, então a história é convenientemente modificada e surge um Newton mentalmente debilitado que acabou voltando-se para a Teologia. Assim, os *positivistas franceses* preservam a santidade da Física de Newton da mácula da Teologia. O Isaac Newton dessa história que circulou nunca mais foi o mesmo. Ao que parece essa técnica dos Positivistas franceses, de modificar a realidade, foi bem apreendida pelo Materialismo Histórico e Dialético. Infelizmente é esse o ensinamento que tem sido repassado para várias gerações de estudantes de Física e bem aprendido por muitos partidos políticos existentes, em especial no Brasil.

⁴ WESTFALL, chap.2, p.40, 1996. Barnabas Smith era clérigo anglicano e reitor de North Withan's Parish Church of St Mary em Lincolnshire, viúvo recente quando aos 63 anos desposou Hannah Ayscough Newton, mãe de Isaac Newton e com quem teve três filhos.

⁵ WESTFALL, chap.2, p.43, 1996. Newton foi criado com os avós Ayscough, pais da mãe. Ao que parece, uma das poucas vantagens que teve foi a de ter nascido no seio de uma família que acreditava ser essência a instrução.

diferente dos outros meninos de sua idade, pois não tinha pai. Era um garoto sóbrio, silencioso e pensativo, na maior parte do tempo fazendo *companhia a si mesmo*.

Busca apaixonadamente conhecer o desejo de *seu Pai*, o *Pai* que ele nunca havia compreendido. *D'us é o Pai*, que tem um desejo, e ele teria o dever de realizar esse desejo. Sua religiosidade o leva a crer em *D'us* como uma *divindade pessoal*, um *Criador* que não estava apenas acima do mundo, mas separado dele, *racional* e que havia se revelado a ele através de seu trabalho com a Natureza. Abominava a posição materialista de Descartes e as implicações ateístas, procurando por uma Filosofia Natural onde *o espírito e não a matéria estivesse no centro do Universo*.

Sua educação religiosa tem início no Liceu de Grantham, onde ingressa aos 12 anos, cujo currículo não diferia do currículo padrão dos liceus ingleses do sec. XVII: o estudo do latim, um pouquinho de grego, alguma aritmética e logicamente o estudo da Bíblia, estudada nas línguas clássicas com o objetivo de reforçar o credo protestante na Inglaterra. Possivelmente, como afirma Westfall⁶, os estudos bíblicos teriam se aliado à biblioteca construída no quarto de Newton em Woolsthorpe pelo seu padrasto, o reverendo Smith, para acomodar mais ou menos 300 livros, a maioria edições dos padres da Igreja e tratados teológicos. Dessa forma e com tal biblioteca acessível, deslançou sua *viagem* pelos estranhos caminhos teológicos⁷.

1. O DILEMA DO DIÁLOGO ENTRE FÉ E RAZÃO

A instigante temática do diálogo entre Fé e Razão, em princípio parece confrontar a Fé e a Razão, ou melhor, ainda, que Fé esteja em confronto permanente com a Razão, como se a segunda até fosse superior a primeira. No entanto, ambas são um produto humano sobre como compreender o que nos cerca e o que está para, além disso: O homem, quem é ele?⁸

O Prof. Newton Freire Maia, um dos introdutores da Genética no Brasil, entre as décadas de 1940 e 1950 (com formação em Odontologia e Biologia), num livro resposta⁹, *Criação e Evolução: Deus, o acaso e a necessidade*, editado pela Vozes em 1986; afirma na apresentação, que o livro pretende elucidar o falso dilema, *evolução versus criação*. Procura de forma bem didática esclarecer as pessoas de boa-fé, porém mal informadas sobre o que seja Ciência e desconhecem o fato do que é exigido muitas vezes para uma teoria científica ser aceita e representar algo absolutamente seguro.

Com essa publicação, mostrou como é falsa a premissa apregoada por colunistas de que sacerdotes e cientistas mantiveram, durante um bom tempo, certas normas de convivência pacífica: salvo as exceções mais radicais, “um não se intrometendo com os assuntos do outro”.

Confrontando as explicações míticas e científicas da realidade, percebemos que mitos religiosos procuram explicar o desconhecido com o desconhecível, enquanto que a Ciência procura explicar o desconhecido com o conhecível. A tensão vem da crença de que duas realidades independentes existem em pé de igualdade; uma que pertence a este mundo (portanto, conhecível), e outra fora dele (portanto inescrutável). Tanto o cientista quanto o crente acreditam, embora bem diferente um do outro. No entanto, ambas são um produto humano

Por outro lado, o pai de Isaac Newton, bem como seus parentes, eram todos analfabetos, embora fosse membro de um tipo de aristocracia rural cujo pai (avô paterno de Newton) era dono da casa senhorial, habilitado a exercer os poderes da autoridade local (semelhante a um feudo).

⁶ WESTFALL, chap.2, p.58, 1996

⁷ Idem.

⁸ Título instigante do livro de B. MONDIN.

⁹ Jacques Monod ganhou notoriedade por receber o prêmio científico mais cobiçado em 1965, o Prêmio Nobel de Medicina e Fisiologia, posteriormente se lançou a escrever sobre questões que o incomodavam profissionalmente. Em 1970 a editora Seuil publicou *O Acaso e Necessidade*, o qual foi editado em 1972 pelas Vozes. O livro do Prof. Freire Maia acabou por se tornar um *voto de fé* em contrapartida as opiniões de Monod.

sobre como compreender o que nos cerca e o que está para além disso: O homem, quem é ele? Eis a grande questão.

Essa interrogativa é na realidade a *interrogativa das interrogativas* como afirma Mondin no prefácio de seu livro¹⁰, a qual é na realidade o título. De forma geral, há uma tendência para iniciar a resposta na especulação das *origens*. Alguém, no entanto já afirmou que essa tendência é um tipo *proselitismo científico, e que o importante são os pressupostos da fé.....*; uma afirmação que acaba por limitar o necessário e permanente diálogo. Então, a interrogativa nos empurra para outra questão mais ampla: *Que é o homem e que lugar e posição metafísica ele ocupa dentro da totalidade do ser, do mundo, de D'us*¹¹.

Uma resposta que pode ser considerada em primeira aproximação, longe está de ser um *proselitismo científico*, mantendo fortes relações e tendências recíprocas, foi apresentada por homens como Thomas Bradwardine (1290-1349), Robert Grossetest (1175- 1253), Nicole D'Oresme (1320-1382), Abraham bar Hiyya (1070- 1136), Abraham ibn Ezra (1089- 1167), Johannes Kepler (1571- 1630), o próprio Galileu Galilei (1564- 1642), Isaac Newton (1643 – 1727) e tantos outros no séc. XX, são exemplos que souberam lidar com a fé e o conhecimento científico sem conflitos e muito antes, já faziam uso da máxima de A. Einstein¹²:

Embora seja a Religião que determine o objetivo final, foi com a Ciência, contudo, que ela aprendeu, em sentido lato, quais os melhores meios que haverão de contribuir para alcançar os objetivos visados. Mas a Ciência só pode ser criada por aqueles que estão totalmente imbuídos da aspiração pela verdade e pelo entendimento. Essa fonte de sentimentos, contudo, nasce na esfera da Religião. A ela também pertence a Fé na possibilidade de que os regulamentos válidos para o mundo da existência sejam racionais, isto é, compreensíveis à Razão. Não posso conceber um verdadeiro cientista sem essa Fé profunda. a situação pode ser expressa por uma imagem: a Ciência sem a religião é aleijada, a Religião sem a Ciência é cega.

Embora a afirmação contida na máxima einsteiniana permita várias interpretações e procure eliminar o conflito entre a Fé e a Razão, no caso entre a Religião e a Ciência, a posição einsteiniana, conflitava com os princípios fornecidos pela tradição religiosa judaico-cristã, acreditando que a essência do conflito se resumia na concepção de um D'us pessoal, mas não negava a existência de D'us.

Persiste, no entanto, um inaceitável *curto-circuito* entre o saber teológico e a abordagem científica do mundo. Mas foi durante a Idade Média, aquele período histórico denominado de *Idade das Trevas* por muitos historiadores realmente limítrofes que podem saber de tudo, mas nada de História, que se produziu toda uma classe de *teólogos-filósofos naturais*, com uma ausência surpreendente de conflitos entre o conhecimento teológico e científico, levando a um desenvolvimento técnico cultural inusitado. Tornou-se um clássico do tema o livro do filósofo escolástico, teólogo e frade franciscano, São Boaventura (1221-1274)¹³, *De reductione artium ad theologiam*¹⁴, que inicia com um breve comentário¹⁵:

¹⁰ MONDIN, BATTISTA. *O homem quem é ele? Elementos de Antropologia Filosófica*. Tradução da 2ª ed. R. Leal Ferreira e M. A. S. Ferrari. São Paulo: Edições Paulinas,. 1980.

¹¹ SHELTER, MAX. F. *A posição do homem no Cosmos*. Tradução da 1ª ed portuguesa por Marco A. Casanova. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitaria. 2003

¹² EINSTEIN, A. *Out of my later years* chap 8, p 30. Secaucus (NJ-USA): The citadel Press, 1956.

¹³ Nascido Giovanni di Fidenza. É conhecido como *Doutor Seráfico*. Sétimo ministro-geral da Ordem dos Frades Menores, foi também cardeal-bispo da Diocese Albano.

¹⁴ Foi traduzido por Mário Santiago de Carvalho como *Recondução das Ciências à Teologia*, editado pela Porto Editora.

¹⁵ BOAVENTURA. § 1, p. 13, 1996. Toda a reflexão é fundamentada na *metáfora da luz* (*lumem* e *lux*, em latim), a iluminação cognitiva. Lembro aqui que há uma grande afinidade entre a metafísica da luz do franciscano de Oxford, Robert de Grosseteste (1175-1253) e a de São Boaventura. Grosseteste é mais conhecido por suas contribuições ao que hoje é denominado *método científico* (o método da resolução e composição). Escreveu

Toda dádiva excelente e todo o dom perfeito vem do alto, descendendo do Pai das luzes, diz Tiago no primeiro capítulo de sua Epístola. Nessa frase, alude-se à origem de toda a iluminação e, ao mesmo tempo, ela insinua a liberalidade da emanação em múltiplas luzes a partir da luz frontal. Ainda que toda a iluminação do conceito seja interior, podemos, todavia, através da razão, fazer uma distinção e dizer que há um lume exterior, o lume da arte mecânica; um lume inferior, o lume do conhecimento sensitivo¹⁶; um lume interior, o lume do conhecimento filosófico; um lume superior, o lume da graça e da Sagrada Escritura. O primeiro lume ilumina em ordem às figuras artificiais, o segundo em ordem às formas naturais, o terceiro em ordem à verdade intelectual, o quarto e último em ordem à verdade que salva.

O estudo de São Boaventura é uma reflexão sobre o *canon das ciências*, adaptando-se à moda da época, de fazer inscrever as ciências e as artes num sistema do saber. Não sendo um texto de uso acadêmico, é apologético como principal interesse, representando um discurso do *método franciscano* de toda a *iluminação* sobre a pluralidade das fontes de conhecimento (os lumes) e a sua hierarquização, apresentando o *problema da fé e razão* no quadro da existência da dupla certeza, especulativa ou teórica e a certeza da adesão ou prática, sustentando se a ciência como o campo do que é passível de ser envolvido em algo maior pela razão, a fé, com respeito àquilo que a supera, uma dupla certeza que não pressupõe dicotomia na verdade, tratando-se sim de duas formas humanas de ter acesso a uma e única *Verdade*.

Essa tradição de alguma maneira manteve-se até o séc. XVII, embora houvesse quem pensasse o *problema da fé e razão* em termos de um conflito entre a *ciência e a religião*, como é o caso de Thomas Hobbes (1588- 1679). No entanto a maioria dos *scholars* e mais especialmente ainda, a maioria dos *scholars* da Grã-Bretanha, via, ao contrário, uma harmonia entre esses dois campos de saber e atividade. Robert Boyle (1627- 1691), um filósofo natural que se destacou como um dos fundadores da Química¹⁷, escritor prolífico, fez soar esse tema em praticamente todos os seus muitos livros. Para o caso de sua mensagem não ser ouvida, publicou *The Christian Virtuoso* em 1690 um pouco antes de seu falecimento. Um outro, o naturalista mais importante da época e considerado o *pai da História Natural*, John Ray (1627- 1705) afirmou a mesma ideia em seu livro publicado em 1691 sobre a teologia natural, *The Wisdom of God in the Works of the Creation*.

Logicamente, tal tema não poderia deixar de ter destaque nas obras de Isaac Newton, um homem do séc. XVII, o qual pode ser considerado como *verdadeiro gênio* do gênero humano, em sua expressão máxima com a publicação dos *Principia Mathematica* em 1687. Como objeto deste nosso estudo, centralizamos nossa atenção nos trabalhos sobre a sua visão teológica e como tal a influência sobre suas obras, tendo sempre um olhar voltado para os princípios que pudessem funcionar, considerando sempre a crença dos homens numa divindade, não tendo a ciência como serva da religião, não tendo como objetivo manipular a Natureza em prol do benefício material da humanidade, mas para *demonstrar a existência do Criador*:

A principal tarefa a filosofia natural é argumentar a partir dos fenômenos, sem construir hipóteses, e deduzir as causas dos efeitos até chegarmos à primeiríssima causa, que decerto não é a Mecânica e por causa disso deve ser sumamente valorizado (I. Newton em carta a Richard Bentley – 1692)¹⁸

um estudo importante sobre a luz, *De luce e De lineis, angulis et figuris*, iniciando a tradição inglesa na Óptica, culminando com o estudo da Óptica de Isaac Newton.

¹⁶ TOMÁS DE AQUINO. *Suma de Teologia*. Primeira parte, Questões 84-89. Edição Bilingüe. Tradução de C. A. R. do Nascimento. Uberlândia: EDUFU, 2006

¹⁷ Boyle, Robert. *The Sceptical Chymist: or Chymico-Physical Doubts & Paradoxes*. London, 1661.

¹⁸ TURNBULL, H. W.; SCOTT, J. F.; RUPERT HALL, A. & TILLING, LAURA (org). *The Correspondence of Isaac Newton*, v. 3, p.233-256. Cambridge: Cambridge University Press, 1977

2. ISAAC NEWTON, UM HOMEM

Isaac Newton nasceu nas primeiras horas do dia de Natal de 1642 perto da aldeia de Colsterworth, a 11 Km ao sul de Grantham, em Lincolnshire (considerando aqui uma diferença dez dias entre os calendários do continente europeu e o da Inglaterra, portanto 4 de janeiro de 1643). Nasceu prematuro no seio de uma família desprovida de cultura e destaque social embora abastada, cujo pai Isaac Newton também, veio falecer três meses antes de seu nascimento. Hanna Ayscough Newton, a mãe, Ayscough de família, era filha de um fidalgo, James Ayscough, uma família onde a instrução formal era considerada importante. Seu irmão, William Ayscough obteve o grau de Master of Arts em Cambridge em 1637, tendo sido ordenado no clero da igreja anglicana e nomeado para a reitoria de Burton Coggles em Lincolnshire em 1642¹⁹. A presença do reverendo William a apenas 3 km de seu lar, possivelmente foi um fator decisivo em sua formação.

Newton foi criado pela família de sua mãe, a qual voltou a casar quando Isaac Newton tinha apenas 3 anos de idade e foi viver com o segundo marido, Barnabas Smith o reitor de North Withan. Dessa forma, Newton foi entregue aos cuidados de sua avó materna que com a presença de seu tio William, um conjunto de expectativas diferentes referentes a instrução se tornaram decisivas. Esses fatos destroçaram a segurança da infância de Newton, pois a partida da mãe contribuiu imensamente para o seu tormento interno, cuja perplexidade só tendia a aumentar ante a percepção de que diferentemente dos outros, ele não tinha pai, tornando-o por essas e outras num homem atormentado, uma personalidade neurótica, sempre oscilando entre períodos depressivos²⁰.

Os primeiros rudimentos de aprendizado foram realizados nas escolas das aldeias de Skillington e de Stokes. Frequentou aos 12 anos a Grammar School de Grantham, onde foi hóspede de um boticário (farmacêutico), o Sr. Clark, ex-estudante de Cambridge, amigo e discípulo do filósofo Henry More²¹. Na escola elementar aprendeu latim, história bíblica, um pouco de grego e hebraico e os primeiros elementos de aritmética e geometria, mas nada que nos leve a acreditar que esse homem que descobriria o Cálculo Infinitesimal quatro anos depois de sair do equivalente (uma comparação ruim) ao segundo grau, nem sequer havia sido apresentado nessa escola a tradição da cultura matemática na Inglaterra de onde surgiria o Cálculo Diferencial e Integral. Menos ainda que tenha recebido alguma instrução em Filosofia Natural.

Aos 17 anos, Isaac Newton teve de retornar a Woolsthorpe para assumir as responsabilidades de um sitiante adulto, uma vez que sua mãe, viúva pela segunda vez residia em Woolsthorpe juntamente com seus três meios irmãos e tinha em mente o propósito de torná-lo administrador das propriedades da família. A tentativa foi um desastre trazendo vultosos prejuízos para sua mãe²². Essa situação foi contornada pelo Reverendo William Ayscough, seu tio, insistindo e argumentando com a mãe que seria um desperdício “enterrá-lo nos afazeres rurais”. O correto seria que o mandasse de volta à escola para que se preparasse para a universidade²³.

Foi admitido formalmente no *Trinity College* (College of the Holy and Undivided Trinity²⁴) da Universidade de Cambridge em 8 de julho de 1661, portanto aos dezenove anos de idade. O ingresso em um *College* para o curso de graduação na Universidade passou a ser

¹⁹ RICHARD S. WESTFALL, chap 2, p.40, 1996

²⁰ WESTFALL, chap 2, p.49, 1996

²¹ WESTFALL, chap 2, p.58, 1996.

²² GLEICK, cap. 2, p. 31, 2004.

²³ MANUEL, FRANK E. *A portrait of Isaac Newton*. A portrait of Isaac Newton by Manuel, v. 1.. Washington, DC: New Republic,, 1979.

²⁴ Gostaria que o leitor atentasse para o nome do College.

obrigatório a partir da reforma dos estatutos da universidade em 1570²⁵. O *Trinity* já na época era um famoso *College* da Universidade e sua entrada não foi feita ao acaso, provavelmente foi feita por influência do tio, Reverendo William Ayscough, um ex-estudante de Cambridge, o qual havia se graduado e preparado para o clero anglicano no mesmo *Trinity College*.

A Universidade de Cambridge reconhecia alunos em três categorias: *os nobres*, que faziam as refeições na mesa principal junto aos docentes no refeitório do *College*, usavam roupas sofisticadas e graduavam-se com poucos exames; *os pensionistas*, que pagavam pelos estudos e pelo alojamento, dedicavam-se principalmente para o ministérios anglicano e *os sizar*s que ganhavam seu sustento prestando serviços domésticos para os outros alunos incumbindo-se de pequenas tarefas, servindo-os às refeições e comendo as sobras deixadas. Embora a mãe de Newton fosse rica pelos padrões do interior da Inglaterra, pois herdara os bens do primeiro e segundo marido, optou em dar uma mesada de pouco valor para necessidades imediatas permitindo que adquirisse alguns itens importantes para sua permanência, como uma garrafa de tinta, velas, um caderno de apontamentos...etc.²⁶. Tal fato obrigou Newton a se matricular no *College* como *subsizar*. Essa categoria social bem como o *sizar* eram os análogos cambridgeanos aos termos *servitor* e *subservitor* usados em Oxford. A diferença entre um *sizar* e um *subsizar* estava em que ao primeiro era permitido assistir as aulas subsidiado pela prestação dos serviços e o segundo além de prestar serviços ainda pagava pelas aulas recebidas (numa taxa inferior aos *pensionistas*) e tinham que custear sua alimentação. Como ainda ocorre hoje, eram esses jovens sem condições financeiras, com grande garra que em geral (4 em cada 5 desses *sizar*s e *subsizar*s) empenhavam-se para obter uma profissão, no caso era a profissão eclesiástica como meio de progredir socialmente²⁷.

Teve como professor – tutor, Benjamin Pulleyn, um indiferente instrutor de grego, considerado um grande negociante entre os alunos durante o período em que Newton foi aluno da graduação.

No caderno de apontamentos ele praticamente registrou o fruto de suas leituras do currículo oficial e as leituras sobre Aristóteles. No começo de uma nova seção registrou um título *Quaestiones quaedam philosophicae* (Algumas Questões Filosóficas)²⁸ e dispôs um conjunto de tópicos nos quais realizou anotações de uma série de leituras que anteciparam os problemas em que se concentraria em sua carreira científica e o método pelo qual ele iria atacá-los. No entanto a cronologia mostra uma estreita relação com seu *estudo das profecias*, um de seus interesses permanentes.

É interessante notar também que na época em que Newton foi estudante a grade curricular ainda mantinha os padrões tradicionais das universidades medievais; o estudante era obrigado a estudar durante dois anos em média o *trivium* (Latim, Retórica e Lógica) e em média mais dois o *quadrivium* (Aritmética, Geometria, Música e Astronomia) obtendo assim o grau de Bachelor of Arts²⁹ a base dos estudos superiores obtendo a *licentia docendi* e tornar-se professor, convergindo para o grau de Master of Arts³⁰ quando pretendia seguir estudos em

²⁵ A admissão ao *College* não era equivalente a admissão para a Universidade. Muitos adiavam sua matrícula na Universidade, pois um número considerável de estudantes não tinha interesse em obter um *grau acadêmico*, para a qual era relevante a matrícula. Isaac Newton pretendia obter um *grau acadêmico*.

²⁶ WESTFALL, chap 3, p.66 1996

²⁷ GLEICK, cap 2, p.32, 2004; WESTFALL, chap 3, p.71, 1996. No séc XVIII, a tradição familiar dos Ayscough registrava a história que o *auxílio pecuniário de um fidalgo da vizinhança* permitira a Isaac Newton estudar no *Trinity*. Essa descrição, Segundo Westfall [WESTFALL, chap 3, p.71, 1996] poderia corresponder a descrição de Humphrey Babington, Professor do *Trinity College* e um dos oito membros do colegiado senior.

²⁸ São um conjunto de anotações a partir da leitura da nova Filosofia Natural por Newton, anotações essas que ele começou a compilar mais ou menos no final do curso de graduação, por volta de 1664.

²⁹ Bachelor of Arts (Bacharel em Humanidades). Podemos considerar hoje em dia como um bacharelado em Educação.

³⁰ Master of Arts (Mestrado em Humanidades). Do mesmo modo, como no caso do bacharelado, podemos considerar como um mestrado em Educação, mas sem as características do mestrado no Brasil.

Direito, ou Teologia ou ainda Medicina. Esses diplomas ainda persistem hoje inclusive em universidades americanas, geralmente outorgados aos estudantes de Ciências da Educação.

De profunda religiosidade, Newton era oprimido por um sentimento de culpa e pela dúvida e auto depreciação, mantendo uma permanente uma censura de si³¹. Descreveu a John Conduitt³² como foi influenciado a estudar matemática. Afirmou ter-se deparado com um livro sobre *Astrologia Judicial* ou Astrologia Geral, que não fazia parte do currículo em Cambridge ((isso não quer dizer que ele se interessava por tais assuntos vãos) numa feira de Sturbridge, em 1663. Tendo dificuldades em lidar com a construção geométrica das figuras como faziam os astrólogos, adquiriu um exemplar dos *Elementos* de Euclides onde localizou os teoremas que tinha necessidade para a realização do cálculo e *desprezou o livro como sendo insignificante(...)*.

Whiteside³³ reconhecido como o comentarista mais abalizado da matemática newtoniana, parece considerar que esse fato é apenas uma história do *mito newtoniano*, pois segundo o que ele relatou a De Moivre em sua velhice foi que, ao se deparar com os *Elementos* Euclides pela primeira vez, leu apenas os títulos da proposições, os quais lhe pareceram tão fáceis de entender que se intrigou com o que levaria alguém a se divertir escrevendo qualquer demonstração delas, tendo mudado de idéia quando se deparou com a proposição relativa ao Teorema de Pitágoras. Whiteside considera mesmo esse fato como significativo pois o teorema métrico não se encaixava em seus conhecimentos de matemática básica, além do que, seu exemplar dos *Elementos* escrito por Isaac Barrow, o texto recomendado aos estudantes, confirma que ele se deteve no Teorema de Pitágoras e para se convencer de sua veracidade foi levado a introduzir linhas de construção adicionais em sua figura, muito embora confirme seu desinteresse pela Geometria clássica. Alguns anos depois arrependeu-se de não ter dado maior atenção aos *Elementos* de Euclides antes de dedicar-se a *Geometria* de Descartes (o qual estudou sem ajuda de ninguém).

É interessante esclarecer neste ponto que o pensamento de Descartes provocou uma grande agitação na época em que Newton era estudante (inclusive com proibições da leitura de seus textos no *Trinity College*). As anotações de Newton mostram que ele foi envolvido por tais discussões e resolveu investigá-lo³⁴. Newton leu minuciosamente as obras de Descartes³⁵, iniciando pelo *La Geometrie* de um modo como nunca o fizera com os textos de Aristóteles, leu o resumo e a tradução inglesa de Pierre Gassendi, *Exercitationes Paradoxicae Adversus Aristotelos*, de 1624 e *Comentaria de Rebus Coelestibus* além de outras que falam sobre a filosofia de Epicuro³⁶. Leu também o *Dialogo sopra i due massimi sistemi del mondo* de Galileu Galilei. Estudou a obra matemática de François Viète, o *Clavis Mathematicae* de William Oughtred (publicado em 1631), *Exercitationum Mathematicarum Libri quinque* de Frans van Schooten e *Arithmetica Infinitorum* de John Wallis (entre 1664 e 1665). Leu ainda os livros de Robert Boyle, Thomas Hobbes, Kenelm Digby, Henry More e outros³⁷.

Newton não seguiu o currículo normal como podemos perceber, deixando para sempre o mundo aristotélico; de autor em autor ele penetrou num mundo completamente novo. A situação acadêmica complacente da universidade funcionou a seu favor nesse momento, inclusive seu tutor provavelmente deve ter ficado agradecido por nunca ter sido incomodado.

³¹ WESTFALL, chap 3, p.78, 1996; MANUEL, FRANK E. *The Religion of Isaac Newton*. Oxford University Press, 1974.

³² John Conduitt era membro do Parlamento e casado com a sobrinha de Isaac Newton

³³ WHITESIDE, D.T. Isaac Newton: birth of mathematician, *Notes and Records of the Royal Society of London*, Vol. 19, No. 1, pp. 53-62. Jun., 1964.

³⁴ RICHARD S. WESTFALL, chap 3, p.90, 1996

³⁵ *La Geometrie* e os *Principia Philosophiae*

³⁶ Nestas obras, Gassendi observa a importância da pesquisa experimental e do método indutivo, ataca a influência de Aristóteles nas ciências e comenta o atomismo de Demócrito e de Epicuro

³⁷ AMADO, A. T. F, *et all*, cap.3, p.59, 2005

Organizou seus estudos, resultante de suas leituras à partir de temas gerais e posteriormente concentrando-se em questões que envolviam a ordem cósmica, o movimento, tempo e lugar, a luz, as cores, *de D'us e do espírito no funcionamento da natureza física*, por fim uma miscelânea e temas.

No entanto essa entrega aos novos estudos ocasionou um sério problema no momento em que desejou obter uma bolsa de estudos afim de permanecer no *Trinity*, uma vez que as recompensas universitárias não eram concedidas pela excelência na Matemática e Filosofia Mecânica. Em seus três primeiros anos de universidade Newton não havia se destacado sob nenhum aspecto, bastando afirmar que não esteve entre os dez bolsistas escolhidos entre 1662 e 1663, todos alunos de Pulleyn³⁸.

Na verdade, Newton enfrentou uma grande crise³⁹, pois em 1664 surgiu a última oportunidade que ele tinha para receber uma bolsa e garantir uma residência permanente em Cambridge, mas justamente nessa época ele resolveu descartar o currículo oficial e seguir um programa de estudos que não tinham a menor importância para os membros do Conselho Universitário em Cambridge. Era realmente uma situação inimaginável, mas resolveu-a de um modo inteiramente seu numa virada de última hora. Posteriormente em um relato seu a J. Conduitt, parece que seu tutor, Prof. Pulleyn reconheceu seu brilhantismo e resolveu ajudá-lo, convocando nada mais nada menos que Isaac Barrow⁴⁰, considerado o intelecto mais respeitado da época no *Trinity* e, portanto, o único que poderia julgar a competência de seus estudos nada ortodoxos. Podemos imaginar que tal atitude quase resultou num desastre por completo. Segundo o relato, ao ser examinado pelo Prof Isaac Barrow, este notou que Newton não dominava a Geometria euclidiana, embora ele dominasse a Geometria cartesiana. Ninguém em sã consciência iria supor que o domínio da segunda não tivesse como pré-requisito o domínio da primeira, e dessa forma o Prof. Barrow não lhe fez pergunta alguma sobre o assunto, tendo-o tomado como estudante insignificante, mas assim mesmo foi transformado em bolsista.

Possivelmente ao contrário de sua percepção sobre a situação em seu relato, ele deve ter causado uma profunda impressão em Isaac Barrow e provavelmente surgiu uma certa complacência entre eles, embora distante pelas condições acadêmicas, pois Barrow além de ter sido a fonte de estímulo do interesse de Newton pela Matemática⁴¹, posteriormente passou a ser um de seus protetores (ou patronos) em Cambridge. Esse importante resultado garantia para Newton pelo menos mais quatro anos de estudos irrestritos quando receberia seu M.A, com a possibilidade de que caso fosse admitido como docente, o prazo teria extensão indefinida.

³⁸ Vale afirmar aqui que era costume no *Trinity College* contratar ex-alunos que tivessem sido escolhidos para as bolsas patrocinadas pelo *College*.

³⁹ WESTFALL, chap 5, p.140, 1996.

⁴⁰ I. Barrow foi o precursor de todo o trabalho realizado por Isaac Newton. Barrow nasceu em 1630. Foi educado inicialmente na Charterhouse School. Em 1643 ingressou no St. Peter's College em Cambridge e posteriormente passou para o Trinity College. Realizou consideráveis progressos na Literatura, Filosofia Natural, Anatomia, Botânica e Química, onde as três últimas disciplinas foram cursadas para adquirir uma formação em Medicina como profissão, o que nunca ocorreu pois dedicou-se a Teologia. Após sua ordenação para o clero anglicano, um ano depois aos 30 anos foi aprovado como Professor de Grego em Cambridge. Suas primeiras aulas foram sobre a Retórica de Aristóteles, que acabou por criar um interesse peculiar em seu desenvolvimento matemático posterior. Em 1662 ele foi indicado como Professor de Geometria no Grasham College e no ano seguinte foi aprovado como *Lucasian Professor* Nesse período ele escreveu *Lectiones Mathematicae* que foram apresentadas em 1644, 1645 e 1646. Essas notas foram republicadas em 1670 sob o título *Lectures Opticae et Geometriae*. O material didático exposto nas *Lectiones Mathematicae* fala dos Fundamentos da Matemática. As *Lectiones Opticae* contém discussões e críticas sobre os trabalhos de Apolônio de Perga, Arquimedes e Teodósio e representam os fundamentos do Cálculo. *Diferencial e Integral*. No entanto essas aulas não foram ministradas no conjunto das *Lucasian Lectures*, mas como aulas internas do *College* (seminários especiais talvez). O primeiro contato de I. Barrow com Newton foi em 1664, quando este último foi examinado sobre os conceitos euclidianos, um dos três itens de conhecimento para os estudantes candidatos a uma bolsa de estudos no *Trinity College* em Cambridge. Ver in CHILD, J. M. *The Geometrical Lectures of I. Barrow*. London: Pencourt Pu. Co., 1916.

⁴¹ WESTFALL, chap 3, p.. 99, 1996.

Em 1665 Newton devia prestar os exames de para obtenção do B.A. e o regulamento da universidade exigia que o estudante dedicasse o período da Quaresma à prática de ficar *in quadragesima* (sequência de sermões especiais proferidos nesse período)⁴². Nessa época Newton estava às voltas com sua investigação sobre o binômio e o cálculo infinitesimal em meio aos *exercícios da quadragesima*; como sua atenção estava voltada para os problemas de matemática, isso o levou a realizar os exames em segunda época, uma situação um tanto vergonhosa para os estudantes. Mas tal relato, que pode ser encontrado num artigo de Allan Feegunson⁴³ levanta alguns problemas, pois o Conselho Universitário já havia aprovado a concessão do grau antes da realização dos exercícios e Newton já havia assinado o diploma junto com os outros alunos. De qualquer forma a história tem algum fundamento pois Newton não se preocupava muito com o *curriculum* padrão, mostrando a complacência da Universidade. Mas a não reprovação deve-se talvez também pelo fato de haver seguido um currículo fora dos padrões, muito embora isso não o preocupasse. A própria Universidade já não dava credibilidade a seus *curricula* de cursos com a convicção suficiente para impô-los, daí a complacência universitária com Newton, uma vez que ele também fazia parte daquele conjunto raro de estudantes. De qualquer forma por decisão do Conselho Universitário⁴⁴ obteve o grau de B.A. em agosto de 1665, embora numa condição extremamente providencial.

Por volta de abril de 1667, Newton se preparava para a eleição dos *fellows*, costumeiramente outorgado a um graduado de destaque e nomeado pela direção da universidade para residir e trabalhar num dos *College*, recebendo um estipêndio para desenvolver estudos avançados. Tal como acontecera com a bolsa de estudos, o seu futuro dependia de sua indicação para que ele pudesse prosseguir os estudos e para isso os candidatos sujeitavam-se a passar quatro dias na capela, onde seriam examinados *viva voce* pelos decanos; e o currículo ignorado por Newton durante quatro anos, não o favorecia muito, tornando sua situação novamente agonizante.

No primeiro dia de outubro daquele ano os sinos tocaram às oito da manhã (como era o costume) para chamar os decanos para a eleição e no dia seguinte, eles tocavam para chamar os escolhidos. A complacência do sistema (ou pela “graça divina”) que já o havia ajudado na época da graduação, continuou a favorecê-lo e Newton estava entre os escolhidos tornando-se um *fellow* e assim poderia continuar seus estudos. Essa condição de ‘membro júnior’ do corpo docente somente seria modificada para o grau superior ao se tornar um *full*, após obter o grau de Mestre em Humanidades, o que não seria difícil pois as condições para tal eram inteiramente proforma.

Nove meses depois, isso foi conseguido e Newton viveu no *Trinity College* durante 28 anos, no meio de um ambiente não muito agradável pois a ordem vigente não punia quem não fizesse absolutamente nada e isso contrariava o suas expectativas e inflexibilidade aos estudos, mesmo assim, caso não fizesse nada não seria incomodado, desde que não cometesse os três pecados imperdoáveis: o crime, a heresia e o casamento⁴⁵.

Há várias histórias sobre a renúncia de Isaac Barrow da cátedra de *Lucasian Professor*, mas ao que parece é que nessa época Newton resolveu deixar seu antigo tutor ao par de seus estudos sobre o cálculo e a gravidade ainda em estágio inicial (material esse que ele não havia apresentado a ninguém, para evitar discussões sobre os temas e para que ninguém pudesse

⁴² WESTFALL, chap 5, p. 141, 1996.

⁴³ FEEGUSON, ALLAN. IX. Note on a passage in Stukeley's 'Memoirs of Sir Isaac Newton's Life'. *The London, Edinburgh, and Dublin Philosophical Magazine and Journal of Science*, v. 34, n. 228, p. 71-71, 1943.

⁴⁴ ou Senado Universitário.

⁴⁵ WESTFALL, chap 6, p.192, 1996

critica-lo⁴⁶); isso fez com que Barrow tomasse uma decisão, uma vez que vislumbrava um cargo superior na universidade; pois um ano depois da renúncia ele passou a ser o capelão do rei e posteriormente após três anos ele foi empossado como Diretor do *Trinity College*. A pressa em conciliar suas pretensões com a sua vocação de Teólogo o levaram efetivamente a nomear Isaac Newton (e por sua superior habilidade em matemática) em outubro de 1669 para a cátedra de *Lucasian Professor*⁴⁷ possivelmente para se certificar que um ex-aluno ocupasse uma posição privilegiada no clero, uma vez que os estatutos exigiam que o *lucasiano* ensinasse alguma parte da geometria, astronomia, geografia, óptica, estática ou alguma outra disciplina matemática e que se tornasse membro do clero (dispensa concedida a cátedra em caráter perpétuo em 1675 por I. Barrow, ano este em que I. Newton deveria ser ordenado na Igreja Anglicana)⁴⁸

Sobre a experiência acadêmica de Newton existem alguns relatos interessantes, que afirma a pouca presença de alunos em suas conferências e além do que não entendiam nada, *como se ensinasse para as paredes*, fato esse bem relatado por William Whiston quando este ingressou no *Clare College*, tendo assistido ao menos duas aulas em que não entendeu absolutamente nada⁴⁹.

Esse fato interessante nos permite imaginar em que desespero deve ter ficado o jovem estudante que sequer podia pensar em sair da sala de conferência sem que a aula tivesse terminado, isto sem falar do pequeno número de estudantes que costumeiramente assistiam às suas aulas. Ao mesmo tempo que aulas fantásticas devem ter sido apresentadas por I. Newton, no auge de suas descobertas apresentando passo a passo o desenvolvimento de seu raciocínio. William Whiston provavelmente nunca imaginou a grandiosidade de tais aulas e quantos gostariam ao longo dos últimos trezentos anos de terem estado em seu lugar. Muitos dos manuscritos de aula entregues por Newton posteriormente à biblioteca (uma obrigação docente ao término do ano letivo) foram meros rascunhos do seu trabalho maior.

Os notáveis avanços obtidos por I. Newton até esse período nos permite afirmar que até essa época não havia sido estudada nenhuma *lei* propriamente dita, porque sob a influência aristotélica acreditava-se que o movimento circular perfeito das esferas parecia dispensar qualquer outra regra. Essa ideia instaurava uma espécie de *inércia circular* que não sendo produzida por nenhuma causa intrínseca não carecia de explicação. A física cartesiana voltada para o aspeto qualitativo da questão, permaneceu estéril no que diz respeito a identificação e previsão dos fenômenos.

Num âmbito mais geral, suas contribuições modificaram profundamente o pensamento científico do séc. XVII, que tem na *síntese newtoniana* seu ponto culminante na unificação da física terrestre e da física celeste, como resultado de uma série de contribuições matematicamente lógicas e da transformação das ideias caoticamente dispersas. Os desenvolvimentos do Cálculo Diferencial e Integral, da Dinâmica, da Astronomia, da Óptica, firmaram-se como eventos emergentes, ou seja, como as conquistas mais avançadas da Física Matemática.

No prólogo de *Elementos da Filosofia de Newton*, na verdade uma carta a Marquesa de Châtelet em 1738, Voltaire (o conhecido filósofo *playboy* iluminista)⁵⁰ mostra com clareza a amplitude que tomava a obra newtoniana:

⁴⁶ STRATHERN, p.50, 1998.

⁴⁷ LUCASIAN PROFESSORS: 1664-Isaac Barrow, 1669-Sir Isaac Newton, 1702-William Whiston, 1711-Nicholas Saunderson, 1739-John Colson, 1760-Edward Waring, 1798-Isaac Milner, 1820-Robert Woodhouse, 1822-Thomas Turton, 1826-Sir George Biddell Airy, 1828-Charles Babbage, 1839-Joshua King, 1849-Sir George Stokes, 1903-Sir Joseph Larmor, 1932-Paul Dirac, 1969-Sir James Lighthill, 1980-Stephen Hawking.

⁴⁸ WESTFALL, chap 6, p.206, 1996

⁴⁹ WESTFALL, chap 6, p.208-209, 1996.

⁵⁰ VOLTAIRE. *Elementos da Filosofia de Newton* (trad. Maria das Graças S. do Nascimento), p. 15. Editora Unicamp, Campinas.1996]

Este escrito não será absolutamente um curso completo de Física. Se o fosse, seria imenso. Uma única parte da Física ocupa a vida de muitos homens e frequentemente os deixa morrer na incerteza. Neste estudo que comento, vós vos limitais a procurar ter uma ideia clara destas forças tão sutis e tão poderosas, destas leis primitivas da Natureza, que foram descobertas por Newton; a examinar até onde se havia chegado antes dele, de onde ele partiu e onde parou..... Até o presente a Filosofia de Newton, para muitas pessoas, pareceu quase tão ininteligível quanto a dos antigos. Mas a obscuridade dos gregos vinha do fato de que eles, realmente não possuíam luzes, e as travas de Newton vem do fato de que sua luz estava muito longe de nossos olhos (...).

Nove anos após a primeira edição dos *Philosophiæ Naturalis Principia Mathematica*⁵¹, em 1696, Isaac Newton deixa Cambridge para assumir a posição de Superintendente da Casa da Moeda em Londres, conseguida por indicação política. Posteriormente foi indicado como Diretor da Casa da Moeda por serviços prestados a Coroa britânica⁵².

Com a morte de Robert Hooke, conhecido e notório desafeto de Isaac Newton, em março de 1703; o mais eminente filósofo natural da Inglaterra, mesmo não sendo politicamente correto, foi indicado para o Conselho da Royal Society de Londres em 30 de novembro do mesmo ano visando a cadeira presidencial, para a qual foi eleito. Menos de dois anos após a eleição de Newton, a rainha Ana o sagrou *cavaleiro*⁵³ em Cambridge. Permaneceu ocupando a cadeira presidencial da Academia até sua morte aos 85 anos por volta da primeira hora do dia 20 de março de 1727, tendo ainda escrito e assinado o prefácio da terceira edição dos *Principia* em janeiro de 1726, com a lucidez que lhe era típica. Tanto certo que, antes de falecer proferiu um pequeno resumo do que foi sua vida

Não sei que impressão darei ao mundo....Para mim, entretanto, penso que fui apenas uma criança a brincar numa praia, distraíndo-me em encontrar, vez por outra, uma pedrinha mais polida ou uma concha mais bonita, quando à minha frente o grande oceano da verdade, se espriava desconhecido...Se vi mais longe que Descartes, é que subi nos ombros de gigantes.

3. ISAAC NEWTON, O TEÓLOGO

Sir Isaac Newton combinou uma mistura interessante de bolsa de estudos e a Bíblia, com uma aplicação para a compreensão da Bíblia, de algumas das descobertas da Ciência e uma firme convicção de que, na leitura adequada do texto bíblico, pode-se descobrir o plano de D'us para a história do mundo e humana. Para nós, a revelação (e grande surpresa) da religiosidade de Isaac Newton aparece em sua principal obra, os *Principia Mathematica*. Isaac Newton apresenta uma *discussão* além de sua firme convicção na existência de D'us, em suas discussões sobre o que compreende como *espaço absoluto* no *Escolio*⁵⁴ após o conjunto de

⁵¹ NEWTON, ISAAC. *THE PRINCIPIA: Mathematical Principles of Natural Philosophy*. New translatio by I. Bernard Cohen and Anne Whitmann assisted by Julia Budenz. Berkeley: University of California Press, 1999. A primeira edição foi publicada em 5 de julho de 1687 e dedicada a Royal Society de Londres. A versão em português existente é fruto de um longo esforço de trabalho e tradução realizado entre 2002 e 2008: NEWTON, ISAAC. *PRINCIPIA: Princípios Matemáticos da Filosofia Natural* vol I. Tradução de Trieste Ricci, Leonardo Gregory Brunet, Sonia T. Gehring e Maria Helena C. Célia. São Paulo Edusp, 2002; NEWTON, ISAAC. *PRINCIPIA: Princípios Matemáticos da Filosofia Natural* vol II e III. Tradução de André Koch Torres Assis e O sistema do Mundo (tradução de Fabio Duarte Joly. São Paulo Edusp, 2008.

⁵² Passou anos supervisionando pessoalmente a cunhagem de moedas e na perseguição implacável aos falsificadores, corruptos, sonegadores e todos os que praticavam o delito contra o sistema financeiro. Para maiores esclarecimentos in WESTFALL, chap 12, p.551-626, 1996.

⁵³ A monarquia no Reino Unido concedera nobres ou personalidades com o título de *Sir* -"Senhor"- . O *Sir* é integrante dos *Knights of the British Empire* (Cavaleiros do Império Britânico). Seu equivalente feminino é *Madam*.

⁵⁴ É interessante a coincidência na descrição newtoniana de seus *Doze Artigos de Fé*: Art. 5º O Pai é *inamovível* não podendo nenhum lugar estar mais esvaziado ou mais repleto d'Ele do que o está pela eterna exigência da

definições e na redação de seu *General Scholium*, que aparece primeiramente num conjunto de manuscritos de grande interesse impressos em *Unpublished Scientific Papers of Isaac Newton*⁵⁵ em que podemos destacar:

...Et si stella fixae sint centra similium Systematum, subsunt haec omnia unius domínio. Hic omnia regit non ut anima mundi (nam corpus non habet) sed ut... deci solet . Eternus est et infinitus id est. Semper durat & ubique adest: non quod nunquam nusquam est nihil est.

Livremente pode ser assim traduzido: *Este Ser governa todas as coisas não como a alma do mundo (pois ele não tem corpo) ... Ele é Eterno e Infinito. Ele perdura eternamente e está presente em toda parte: pelo que nunca e em nenhum lugar não é nada de nada.*

O *General Scholium* não aparece na primeira edição dos *Principia*, tendo sido escrito em janeiro de 1712/1713 e enviado para Roger Cotes em 2 de março e impresso na segunda edição em sua forma final^{56,57}, onde ele proclama, admirado com a grandiosidade do Criador:

Este sistema belíssimo sistema do Sol, planetas e cometas só pode ter surgido do conselho e domínio de um Ser inteligente e poderoso. E se as estrelas fixas são centros de outros sistemas similares, estes, sendo domínio do Uno, especialmente porque a luz das estrelas fixas é de mesma natureza que a luz do Sol e de cada sistema a luz passa para todos os outros sistemas. E para evitar que os sistemas das estrelas fixas caíssem, um sobre o outro por suas gravidades, Ele colocou esses sistemas a imensas distâncias entre si.

Ele governa todas as coisas, não como a alma do mundo, mas como o “senhor de tudo”. E devido a seu domínio costuma ser chamado “Senhor D’us” ou “Pantokrator”⁵⁸. Pois “deus” é uma palavra relativa que se refere a servos, e “divindade” é o domínio de D’us não sobre seu próprio corpo, como imaginam aqueles que concebem que D’us é a alma do mundo, mas sobre os servos. O “supremo D’us é um Ser eterno, infinito, absolutamente perfeito; mas um ser, no entanto perfeito, sem domínio não é o Senhor D’us. Pois dizemos “meu D’us”, “seu D’us”, o D’us de Israel, o D’us dos deuses e Senhor dos senhores, mas não dizemos “meu eterno”, “seu eterno”, o eterno de Israel, o eterno dos deuses; também não dizemos “meu infinito” nem “meu perfeito”...⁵⁹.

Isaac Newton não era um homem de buscas desapaixonadas. Quando pensava sobre algo, o fazia continuamente. A capacidade de Newton em organizar aquilo que aprendia de modo a poder recuperá-lo era um aspecto significativo de sua genialidade. Seu profundo interesse pelas questões religiosas, no entanto não aparecem de modo contínuo durante seu tempo de estudante, inclusive os dois anos que se seguiram após obter seu B.A. e levaram ao diploma de M.A e conseqüentemente a sua posição de *Lucasian Professor* no *Trinity College*. Abraçou nada menos do que toda a Filosofia Natural, explorando diversos pontos de vista, desde a Física Matemática até a Alquimia. Dentro dos limites da Filosofia Natural deu novo rumo à Óptica, à Mecânica e à Dinâmica Celeste, além de inventar a linguagem matemática que permitiu à ciência moderna explorar ainda mais os caminhos que ele mesmo foi o primeiro a trilhar.

natureza: todos os outros seres podem ser movidos de um lugar para outro. In COHEN, and WESTFALL, Parte 8, p.422, 2002.

⁵⁵ HALL & HALL, chap 8, p.355, 1978.

⁵⁶ Maiores detalhes in HALL & HALL, chap 8, p.348, 1978.

⁵⁷ NEWTON, *General Scholium*, p.939, 1999.

⁵⁸ Originário do grego *pan* (tudo ou todo) e *krátos* (alto, em cima e, daí, governo e poder- todo-poderoso, onipotente).

⁵⁹ Para maiores detalhes sobre essa questão ver Apêndice, nota 25 in NEWTON, ISAAC. *PRINCIPIA: Principios Matemáticos da Filosofia Natural* vol II e III. Tradução de André Koch Torres Assis e O sistema do Mundo (tradução de Fabio Duarte Joly). São Paulo Edusp, 2008

Ao examinarmos detidamente a grandiosa aventura newtoniana, ela se revela como uma mistura de fragmentos distintos, em vez de uma combinação homogênea e essa aventura revela como procurou perscrutar a mente de D'us e Seu plano eterno para o mundo e a humanidade, tal como exposto nas profecias bíblicas. Seu objetivo não era manipular a Natureza em prol de algum benefício material, mas demonstrar a existência do Criador. Muitos autores⁶⁰ consideram que no final de 1660 ele se volta para um novo campo de estudos: a Teologia.

Certamente alguns fatos o influenciaram e alteraram a situação. Pelos estatutos de Cambridge era obrigatório que os membros do corpo docente fossem ordenados no clero anglicano no prazo de sete anos a contar do recebimento do diploma de M.A. Significava que 1675 era o ano fatal para que Newton, que havia tornando-se um *professor catedrático*, teria que ser ordenado na Igreja Anglicana para continuar a ser um professor do *College of the Holy and Undivided Trinity*, caso contrário teria que renunciar ao cargo de professor. O fato é que a própria Santíssima e Indivisa Trindade colocava seu cargo de professor em jogo. Aliás, havia mais que o cargo, estava em jogo a sua própria existência na sociedade do *Trinity College* e a condenação pública. De qualquer forma seja essa a causa premente ou não, a questão é que o assunto o dominou como tinham sido feitos outros antes disso e suas anotações mostram um compromisso maciço com a Teologia⁶¹

3.1 Newton como um scholar bíblico

A maioria dos documentos manuscritos de Isaac Newton sobre Teologia citados por Richard Westfall [WESTFALL, 1996], do qual faremos uso com maior intensidade, são originários dos *Newton manuscripts in the Keynes Collection*, depositados na livreria do King's College da Universidade de Cambridge.

Os estudos de religião feitos por Newton foram iniciados pouco depois do tempo de estudante, prosseguindo sem interrupção, embora com um período de intensidade reduzida pelos outros sessenta anos de sua vida. No entanto seu programa de estudos que seriam destinados principalmente a prepara-lo para a ordenação acabou tornando essa ordenação impossível devido aos seu precoce produto, a convicção de que a doutrina da Santíssima Trindade era fruto de uma grande heresia⁶², uma corrupção monstruosa do cristianismo primitivo.

Nenhum dos escritos teológicos de Newton foram publicados durante sua vida, pois a maioria são anotações de leitura. O primeiro a aparecer foi *Observations upon the Prophecies of Daniel Apocalypse of St. John*⁶³, editado por Benjamim Smith (meio irmão de Newton) e publicado em 1773. Tendo sido um dos fundadores do estudo crítico do texto da Escritura Sagrada, apresentou como prova sobre os *trinitaristas* duas passagens do Novo Testamento em que haviam se baseado: 1 Jo, 5-7, 1 Tm, 3,16; apareceu numa versão mutilada (passagens ausentes no início e no final, reconstruídas por um autor anônimo) sob o título errôneo *Dois Cartas de sir Isaac Newton to Mr. LeClerc*⁶⁴. LeClerc era um editor holandês para quem Locke (John Locke 1632-1704, filósofo britânico e idealizador do liberalismo) havia enviado o manuscrito em 1690 junto com uma tradução anônima em francês. O bispo Samuel Horsley

⁶⁰ WESTFALL, chap 12, p.310, 1996. JAMES E. FORCE AND RICHARD H. POPKIN. Essays on the context, nature, and influence of Isaac Newton's Theology. *International Archives of the History of Ideas*, 129. Boston: Kluwer Academic PU., 1990.

⁶¹ WESTFALL, chap 12, p.310, 1996

⁶² Aparentemente, sua obra mais importante foi concluída por 1690, embora ele tenha trabalhado mais e mais a partir dessa data como fez com seus escritos científicos. Ver in MCLACHLAN, H. *The Religious Opinions of Milton, Locke and Newton*. Manchester: Manchester University Press 1941.

⁶³ Primeira edição integral em língua portuguesa NEWTON, ISAAC. *As Profecias do Apocalipse e o livro de Daniel. As raízes do Código da Bíblia*. Tradução Carlos L. Salum e Ana Lucia da Rocha Franco. São Paulo: Editora Pensamento, 2008.

⁶⁴ AUSTIN, WILLIAM H. Isaac Newton on Science and Religion, *Journal of the History of Ideas*, vol. 31, nº 4, p. 521-542, 1970.

(1733- 1806) editou o texto genuíno com um título mais atrativo, *Um Relato Histórico das Duas notáveis Corrupções das Escrituras*⁶⁵ em sua edição de 1785 sobre os trabalhos de Newton. Finalmente em 1950, H. McLachlan editou e publicou uma seleção dos manuscritos da *Postesmouth Colletion of Newton's papers* sob o título *Sir Isaac Newton, Theological Manuscripts*⁶⁶.

Segundo Stephen David Snobelen⁶⁷ existe a possibilidade de que a origem das investigações de Isaac Newton sobre a História Eclesiástica antiga possa estar num exemplar da primeira edição completa de 1669 do *Nucleus historiae ecclesiasticae praefixus est tractatus de veteribus sciptoribus ecclesiasticis*⁶⁸, procedente provavelmente dos livros que herdou de Isaac Barrow falecido em 1677. Contudo também existe uma outra possibilidade, de uma possível relação textual concreta, a qual não tem sido considerada devido a inexistência de edições e estudos críticos sobre os textos de Newton.

Westfall⁶⁹ revela uma certa dificuldade em ordenar e uma quase impossibilidade em datar com precisão a maioria dos manuscritos devido ao fato de não terem sido publicados. Sabe-se apenas que no início de sua carreira, em 1671⁷⁰, escreveu um pequeno artigo sobre *como interpretar as escrituras*. Mas em seu caderno de anotações ele registrou vários títulos nos cabeçalhos que resumiam a teologia cristã: *Attributa Dei, Deus Pater, Deus Filius, Incarnation, Christi Satisfactio & Redemption, Spiritus Sanctus Deus*. Alguns tópicos permaneceram em branco sempre, outros foram ocasionalmente preenchidos e finalmente alguns transbordam de informações e opiniões pessoais intensas. Considerando seu estilo matemático de demonstrações, partindo sempre de um conjunto de definições primitivas, como ocorre na geometria euclidiana. Newton escreveu muito sobre o Livro Sagrado estudando-o como um documento histórico, sobre a precisão da cronologia bíblica e sobre a mensagem divina. Essa temática era o problema teológico vigente durante o século 17. Essa listagem de tópicos de aparência corriqueira, mas ortodoxa revelam a partir dos registros de Newton que algumas doutrinas que tinham capacidade inerente de afastá-lo da ortodoxia, o fascinaram.

Em 1692-1693, Isaac Newton escreveu ao teólogo Richard Bentley uma extensa discussão sobre o desígnio divino. Entre digressões puramente físicas sobre os *Principia*, pautando-se em sua especialidade, as passagens são típicas de um gênero religioso amplamente adotado pelos cientistas da época: a Teologia Natural:

De Newton para Bentley, dezembro de 1692⁷¹:

Senhor,

*Quando escrevi meu tratado sobre nosso sistema, tinha o olhar voltado para princípios que pudessem funcionar considerando a **crença dos homens numa divindade**, e nada me dá maior júbilo do que constatá-lo útil para esse fim... se o Sol fosse, a princípio um corpo opaco como os planetas, ou se os planetas fossem corpos luminosos como o Sol, por que somente este se transformaria num corpo brilhante, enquanto todos aqueles continuariam opacos, ou por que todos*

⁶⁵ An Historical Account Corruptions of Scripture in AUSTIN, WILLIAM H. Isaac Newton on Science and Religion, *Journal of the History of Ideas*, vol. 31, n° 4, p. 521-542, 1970. HORSLEY, SAMUEL, *Isaaci Newtoni opera quæ exstant omnia*, vol 5, p. 495. London: IEXCUDEBAT JOANNES NICHOLS, 1785.

⁶⁶ MCLACHLAN, HERBERT. *Sir Isaac Newton. Theological Manuscripts*. Selected and Edited with an Introduction by H. MacLachlan. Liverpool: Liverpool University Press, 1950.

⁶⁷ SNOBELEN, STEPHEN D. Isaac Newton, heretic: The strategies of a Nicodemite, *British Journal for the History of Science*; vol 32, p. 115, 1999

⁶⁸ SAND, CHRISTOPH. *Nucleus historiae ecclesiasticae praefixus est tractatus de veteribus sciptoribus ecclesiasticis*, Amsterdam, 1668. Christoph Sand (1644-1680) era um imigrante de Königsberg que vivia em Amsterdam, associado ao círculo de Spinoza. Publicou várias obras de grande importância sobre religião e letras grecolatinas. Ver in MULSOW, MARTIN; ROHLS, JAN (Ed.). *Socinianism and Aminianism: Antitrinitarians, Calvinists, and cultural exchange in seventeenth-century Europe*. vol. 134. Brill, 2005.

⁶⁹ WESTFALL, chap 12, p.310, 1996

⁷⁰ FORCE & POPKIN, chap 6, p. 103, 1990.

⁷¹ COHEN & WESTFALL, p. 400. 2002.

eles se transformariam em corpos opacos, enquanto o Sol permaneceria inalterado, não creio ser explicável por meras causas naturais, mas sou forçado a atribuir à deliberação e à invenção de um agente voluntário. O mesmo poder, natural ou sobrenatural, que colocou o Sol no centro das orbitas do seis planetas primários, colocou Saturno no centro das órbitas de seus cinco planetas secundários...se essa causa fosse cega, sem invenção nem desígnio, o Sol seria um corpo do mesmo tipo de Saturno, Júpiter e a Terra, isto é, desprovido de luz e calor...Pois a hipótese cartesiana de que os sóis perdem sua luz e se transformam em cometas, e os cometas em planetas, não pode ter lugar em meu sistema e é claramente errônea... Por último, não vejo nada de extraordinário na inclinação do eixo da Terra para comprovar a existência de Deus, a menos que se insista nela como uma invenção para criar o inverno e o verão e para tornar a Terra habitável nas proximidades dos polos; e as rotações diurnas do Sol e dos planetas... Há mais um argumento em favor da Divindade, que reputo muito sólido, mas até que os princípios em que se baseia mais bem aceitos, considero mais prudente deixá-lo adormecido. Atenciosamente seu humilde criado, às suas ordens, Is. Newton⁷².

Esse tipo de gênero é também encontrado nos escritos de Robert Boyle, o químico, John Ray, o naturalista além de outros, que recorreram as descobertas da Ciência para justificar a existência de D'us. Entretanto sua visão de D'us como *Pantokrator*, não era típica, era uma exclusividade sua e caracterizou-se como uma de suas doutrinas.

Newton inicia seus registros pela Escritura Sagrada (a Bíblia). Da Bíblia, Newton partiu para os primeiros padres da Igreja, os *padres apostólicos*⁷³, Barnabé (sec I dC- 61 dC)⁷⁴, Clemente Romano (35 dC - 100 dC), Inácio de Antioquia (35 dC - 107 dC), Policarpo de Esmirna (69 dC - 155 dC), Orígenes (185 dC- 253 dC), Pápias de Hierápolis (antes de 70 dC - 155 dC), o Pastor de Hermas (séc. II dC)⁷⁵; familiarizando-se tanto com a literatura patrística como com a Escritura Sagrada⁷⁶.

Em sua listagem inicial no seu caderno de anotações, no qual cada página era subdividida em colunas⁷⁷, ele definiu um título à *Christi vita*, destinando algumas divisões, e um outro logo a seguir, *Christi miraculi*. Segundo Westfall⁷⁸, quando as anotações de um título anterior avançaram sobre o primeiro ele o ligava ao segundo simplesmente, não registrando um título novo, fundindo apenas as anotações. No tópico *Deus Filius*, Newton anotou os trechos bíblicos que definiam a *relação do Filho com D'us Pai*. Fez uso de uma citação da famosa Carta aos Hebreus, Hb 1⁷⁹:

1- Muitas vezes e de diversos modos falou Deus outrora aos nossos pais pelos profetas; 2. Agora, nestes dias que são os últimos, falou-nos por seu Filho, a quem constituiu herdeiro de todas as coisas, e pelo qual fez os séculos. 3. Ele é o esplendor de sua glória e expressão do seu Ser; sustenta o universo com o poder da sua palavra; e depois de ter realizado a purificação dos pecados, sentou-se à direita da Majestade no mais alto dos céus, 4- tão superior aos anjos quanto o nome que herdou excede o deles. 5- De fato, a qual dos anjos disse Deus jamais: Tu és meu Filho; eu hoje te gerei (Sl 2,7)? Ou ainda: Eu lhe serei

⁷² Grifo do autor.

⁷³ Duas gerações após os Apóstolos do Senhor Jesus (*Yeshua*).

⁷⁴ Na verdade, a única referência que existe sobre Barnabé é uma epístola. Clemente de Alexandria, Orígenes e a tradição em geral, atribuem esta epístola ao Barnabé companheiro do Apóstolo dos Gentios, Paulo. Eusébio de Cesaréia e Jerônimo consideram o documento como apócrifo.

⁷⁵ É uma obra, por muito tempo tida como inspirada, inclusive alguns a colocavam no Canon do NT. É um documento de alta estima. Eusébio de Cesaréia (265- 399) afirma que Irineu de Lyon não só conheceu o *Pastor*, mas também que o tem como Escritura, apontando para *Adversus haereses* 4, 20, 2.

⁷⁶ Na verdade este é o caminho natural de quem se interessa pelas origens do cristianismo e pela História do Cristianismo.

⁷⁷ Ver distribuição esquemática in WESTFALL, chap 8, p.323, 1996.

⁷⁸ WESTFALL, chap 8, p.311, 1996

⁷⁹ *Bíblia de Jerusalém*. Epístola aos Hebreus 1, p. 1559. São Paulo: Edições Paulinas, 1981. Grifos e inserções do AT são do autor.

Pai e ele será meu Filho (II Sm 7,14)? 6- *Mas ao introduzir o Primogênito no mundo, diz novamente: Adorem-no todos os anjos de Deus (Sl 96,7).* 7- *A respeito dos anjos, porém, ele declara: Torna em vendavais os seus anjos, e em chamas de fogo os seus ministros (Sl 103,4).* 8- **Ao Filho porém diz:** *O teu trono, ó Deus, é para os séculos dos séculos; o cetro da retidão é o cetro de tua realza*. 9- *E: Amaste a justiça e odiaste a iniquidade. por isso, ó Deus, te ungiu o teu Deus com óleo de alegria, como a nenhum dos teus companheiros (Sl 44,7s).*

Sobre essa citação vale a pena abrir aqui um parêntesis para esclarecimento. Possivelmente devido ao elenco de leituras iniciais realizadas e principalmente nos textos de Clemente Romano, Orígenes de Alexandria e na História Eclesiástica (HE) de Eusébio de Cesaréia (263 e.c- 339 e.c) além de Snobelen, Newton recorre a Hb 1 com a intenção de atingir *seus objetivos*. Sua atitude revela o fato de reconhecer a existência de um problema sobre o *autor* da carta aos Hebreus.

Até meados do séc. XX⁸⁰ era comum afirmar-se que a carta tem como autor o *apóstolo dos gentios*, São Paulo⁸¹. No entanto a *própria tradição é hesitante* sobre a origem paulina da carta. Os escritores orientais a atribuíram a São Paulo, por tradição como fonte da doutrina de Orígenes, que admitia sua autoria, mas não sua redação, ou seja, tentava explicar as diferenças de estilo entre Hb e as cartas propriamente paulinas. Tentando responder quem seria o autor da carta, Orígenes afirma que:

Se tivesse que dar minha opinião, diria que o fundo ou os pensamentos são, certamente do apóstolo; porém, o estilo e a composição, de alguém, que consignava as recordações apostólicas e que apostilava, por assim dizer, o dito pelo mestre. Pois bem...a história que chegou até nós é dupla. Uns dizem que a escreveu Clemente, e que foi bispo dos romanos, outros, que Lucas, o autor do Evangelho e dos Atos⁸².

Eusébio de Cesaréia afirma que:

Paulo dirigiu-se aos hebreus na sua língua materna. Sua carta foi traduzida pelo evangelista Lucas segundo uns, e, segundo outros por clemente. Das duas hipóteses, esta pareceria mais verdadeira. De uma parte, a epístola de Clemente e a epístola aos Hebreus conservam a mesma característica de estilo e, de outra parte, os pensamentos nos dois escritos tem um parentesco próximo⁸³.

No Ocidente os testemunhos são mais divergentes. Até o séc. IV havia dúvida sobre a autoria paulina e conseqüentemente sobre sua canonicidade⁸⁴. No entanto os críticos mais recentes voltaram a levantar a questão da autoria da carta, apoiando-se principalmente no exame do texto. Em Carta aos Hebreus falta a *introdução* que é habitual nas cartas paulinas, começa sem nome do remetente e sem as costumeiras saudações. São Paulo nunca se incluiria entre os discípulos como se inclui o autor da Carta aos Hebreus, fazendo questão absoluta

⁸⁰ BETTENCOURT e CORRÊA LIMA, p. 200, 2011

⁸¹ Saulo, latinizado como Paulo, nasceu em Tarso na Cilícia (Ásia Menor) no limiar da era cristã. Judeu como a maioria dos cristãos do período, era fiel às tradições religiosas e seu pai havia comprado a cidadania romana, de modo que nasceu como cidadão romano, herdeiro de três culturas: a hebraica essencialmente religiosa, a helenística, filosófica e artística e a romana, de índole jurídica. Mais ou menos aos 36 anos era um perseguidor ardoroso dos cristãos. No entanto, na estrada de Jerusalém para Damasco, onde pretendia prender cristãos, foi prostrado numa visão por Nosso Senhor Jesus, que lhe perguntou: *Por que me persegues?* Ali foi enviado à casa de Ananias em Damasco, onde seria batizado (At. 9, 1-18; 22, 4-2; 26, 9-18; Gl 1, 13-16), in MURPHY-OCONNOR, cap. 4. p. 85, 2000.

⁸² PADRES APOSTÓLICOS, Clemente Romano, p.12, 1995. Ver também in EUSÉBIO, Livro VI, § 25, p. 12, 2000.

⁸³ EUSEBIO, Livro III, § 37, p. 37, 2000.

⁸⁴ Não esquecer, que Isaac Newton era um matemático por excelência e sua interpretação era a mesma existente em Matemática, *canônico* refere-se a forma clássica ou primitiva. Por outro lado, em relação a essa posição extremada é devido aos movimentos heréticos durante os sec. II e III da era cristã e estes se valiam principalmente de Hb 6, 4-8 para afirmar que haviam pecados irremissíveis; na tentativa de combater tal rigor herético, foi colocada em cheque a canonicidade de Hb. Essas correntes desapareceram no séc. IV.

em Gl 1, 1s, 12, 16s de afirmar que ele *recebera o evangelho diretamente do Senhor Jesus (Yeshua)*. O modo de citar a Escritura Sagrada é diferente. O AT é interpretado como tipo ou imagem do NT; assim a Lei é a projeção ou o esboço dos bens da nova Aliança. São essas observações que levam os estudiosos modernos a afirmar que Carta aos Hebreus não foi redigida por São Paulo. No entanto nada de certo pode-se afirmar acerca da pessoa que escreveu a carta.

Newton faz questão de citar que a carta demonstra que *D'us colocou sobre Jesus a sua mão direita*, chamou-o *D'us* e lhe disse que, por ter ele amado a retidão, por isso, *ó Deus* (o teu *D'us*), *te ungiu o teu Deus com óleo de alegria, como a nenhum dos teus companheiros*. Nesse ponto Newton faz uma observação na margem da folha: *Portanto, o Pai é D'us do Filho (quando o Filho é considerado) como D'us*. Uma anotação posterior reforça a implicação dessa nota, registrando o que ele interpreta como a subordinação de *Jesus (Yeshua)* (uso aqui as abreviaturas bíblicas de Newton)⁸⁵:

No que concerne a subordinação de Cristo ver Acts 2, 33.36; Phil 2.9.10; 1Pet 1.21; John 12.44; Rom 1.8 & 16.27; Acts 10. 38 & 2.22; 1Cor 3. 23 & 15.24, 28 & 11.3; 2Cor. 22, 23.

Sob *Deus Pater*, ele inicia metade de uma página de referências sobre o mesmo tema, inclusive três que começaram a apresentar uma opinião crítica mordaz

Existe um deus e um mediador entre Deus e o homem, o Homem Jesus Cristo [1Tim.2.5]

*A cabeça de todo homem é Cristo e a cabeça da mulher é o homem e a cabeça de Cristo é Deus [1 Cor. 11.3]. Ele será grande e será chamado o filho do Altíssimo [Lucas 1,23]*⁸⁶

Newton faz questão de sublinhar a palavra *Altíssimo*. Aqui, entre os dois cabeçalhos ele revela com sua crítica o *seu objetivo*, apresentando uma implicação reiterada de uma *distinção real* entre *Deus Pai* e *Deus Filho*, sugerindo que o fruto primordial do estudo teológico de Newton *coloca em xeque* a condição de Jesus (Yeshua) e a *doutrina da Trindade*. É claro que essa posição o colocava em confronto direto com a instituição a que pertencia e que lhe outorgaria o doutoramento em Teologia, a ordenação para o clero anglicano: o *College of the Holy and Undivided Trinity*. No final de seu caderno ele registra um novo conjunto de cabeçalhos, sob os quais inclui notas sobre as leituras teológicas em especial sobre os *Padres Apostólicos*. Alguns exemplos mostram como ele começou convergiu seu estudo teológico: *De Trinitate, De Athanasio, De Arrianis et Eunomianis et Macedonianis, De Haerisibus et Haereticis*; ao lado de um par de citações dos Padres e no término dos cabeçalhos no final, implicando fortemente de que nesse final novas leituras seriam empreendidas para explorar as questões levantadas. O registro mais longo, *De Trinitate*, encheu nove páginas, uma passagem de estudos profundos em vez de contenciosos.

3.2 De Trinitate.

Santo Agostinho (254 e.c.- 430 e.c.) em seu *Comentário aos Salmos*⁸⁷ formula um axioma: *Crê para compreender, compreende para crer*. O axioma revela que não pode haver contradição entre Fé e Ciência, pois ambas têm origem em *D'us*; o mesmo que dá ao homem tanto a luz da razão quanto a fé.

⁸⁵ WESTFALL, chap 12, p.311, 1996.

⁸⁶ Idem.

⁸⁷ SANTO AGOSTINHO. *Patrística - Comentário aos Salmos (101-150)*, vol. 9/3, p. 457. Tradução das Monjas beneditinas do Mosteiro de Maria Mãe do Cristo. São Paulo: Editora Paulus, 1998.

Esse célebre axioma tem efeito *ex tunc* de que a fé de todos os cristãos consiste na *Trindade*. Conforme o Catecismo da Igreja Católica, o *mistério da Santíssima Trindade* é o mistério central da fé católica e da vida cristã. É o *mistério de D'us em si mesmo*; portanto a fonte de todos os outros mistérios da fé, é a luz que os ilumina. É o ensinamento mais fundamental e essencial na *hierarquia das verdades de fé*.⁸⁸ A *Trindade* é um *mistério de fé* no sentido estrito.

Vou iniciar aqui o estudo da concepção da doutrina do *mistério da Santíssima Trindade*, dividindo o conjunto de palavras da frase em dois conjuntos devido sua complexidade. O primeiro formado apenas pela palavra *mistério*, sobre o que vem a ser *mistério* e qual seu propósito como um adjetivo em muitos documentos da Igreja, palavra essa que tem sido deturpada de seu significado real principalmente desde o período *Iluminista*. O segundo formado por duas palavras, *Santíssima Trindade*, como afirmado acima, o ensinamento fundamental da hierarquia das verdades de fé.

Quando os *monoteístas* se voltaram para o misticismo, a mitologia se afirmou como o principal veículo da experiência religiosa. Existe uma relação linguística entre as palavras *mito*, *misticismo* e *mistério*. Todas derivam da palavra que vem do grego *mysterion*, ligada ao verbo *myein* que significa *fechar a boca ou os olhos, silenciar, guardar segredo*. Seria aquilo que deve ser calado, silenciado. Um vocábulo que era utilizado nos ambientes religiosos, em *cultos misteriosos* típicos do séc VII a. C. até o séc. IV e. c.

A inspiração provém principalmente de suas raízes numa experiência de escuridão e silêncio. Os nossos antepassados pré-históricos, principalmente o *homo neanderthalensis* perceberam que sua existência estava pré-definida, ou seja, estavam sujeitos a definir, morrer, e acabaram criando os primeiros *rituais funerários* (ritual sobre a morte). A determinação da *contagem da existência* (portanto a contagem do tempo) é um subproduto desses rituais. Uma preocupação com a imortalidade nasce em paralelo. Os gregos antigos faziam da *athanasia* (imortalidade) um ideal. Por isso reproduziam sob forma de ritos a *estória dos heróis mitológicos*, para que as pessoas iniciadas pudessem participar desses ritos. Essa *aventura do herói mítico* era tornada presente para que os homens pudessem ter parte nela conseguindo assim a *so-teria* (salvação) ou a vida sem morte. Esses ritos eram denominados *mistérios* porque estava *reservado aos iniciados* ou mistas que deveriam *guardar segredo a respeito do que viam e ouviam no culto sagrado*. Na liturgia judaica entre os sécs. I aC e o primeiro século da era cristã, a palavra *mistério* continua a ter o mesmo significado dos ritos gregos e aparece com esse significado principalmente nos escritos tardios do AT [Sb 14, 15.23;12,5].

Os autores judeus depuraram o vocábulo de seu significado mitológico e foram atribuindo um valor monoteísta. Por exemplo, é citado pelo profeta Daniel, *mistério são acontecimentos finais da história* e que trarão a *salvação dos justos* e cuja notícia é feito através da revelação de D'us:

...Há um D'us no céu que revela os mistérios e dá a conhecer...o que deve acontecer no fim dos dias...[Dn 2,47].

Esse sentido depurado é encontrado também nos textos apócrifos judeus dos séculos próximos ao início da Era Cristã. A palavra significa *não a estória de uma divindade morta e ressuscitada*, mas um *designio de D'us*, decretado desde todo o sempre e destinado a ser revelado no fim dos tempos para instaurar a ordem violada no mundo pelos iníquos⁸⁹.

⁸⁸ PAULO II, JOÃO. *Catecismo da Igreja Católica. Edição Típica Vaticana*, Primeira Parte, Segunda Seção § 2-232, p.70. São Paulo: Loyola, 2000 e ainda in *Sagrada Congregación para el Clero, Directorium Catechisticum Generale Ad normam decreti*, 11 abril 1971: AAS 64, p. 123, 1972,

⁸⁹ Os filósofos *iluministas* certamente entenderam bem a *mensagem*, iniciando assim a desconstrução do significado para sua autodefesa e conseqüentemente de suas ideias.

Em suas epístolas, São Paulo, a palavra *mysterion* tem um significado bem definido: é o *plano de Salvação concebido pelo Altíssimo* desde sempre [1Cor. 2,8; Ef. 3,9; Cl. 1,26 e Rm. 16,25] e ocultado de todas as criaturas inclusive os anjos e revelado a *Jesus de Nazaré*, seus apóstolos e aos homens mediante a pregação dos apóstolos e a história da Igreja. Esse *mysterion* está identificado com o próprio *Jesus de Nazaré*, onde sua morte e ressurreição caracterizam-se como o conteúdo íntimo de *Revelação de D-us aos homens*, marcando assim a plenitude dos tempos. Referências outras do *apóstolo dos gentios* a palavra *mysterion* devem ser lidas a luz desse *significado transcendente*, concluindo que nos escritos paulinos, *mysterion* perde o significado de rito ou cultos mitológicos, *não sendo uma verdade abstrata escondida ao conhecimento dos homens*. Representa a *ação salvífica de D'us* que vai sendo anunciada aos homens centrada na morte e ressurreição de *Jesus de Nazaré*, O *Messias esperado* de Israel.

Nos séculos iniciais do Cristianismo a palavra *misterio* toma um sentido mais amplo e assumiu uma importância capital para a Teologia e a Liturgia, passando a designar principalmente os ritos sagrados do cristianismo, dado que por estes se atualiza ou torna presente a *ação salvífica de D'us em favor dos homens*, portanto a palavra grega *mysterion* foi traduzida para o latim como *sacramentum* (sacramento⁹⁰). *Sacramentum* passou a designar então não somente a *Eucaristia* e os ritos sagrados dos cristãos, mas também as figuras ou as imagens que no AT pré-anunciavam a *Yeshua*. *Sacramentum* também designa tanto o juramento do neófito quanto o Batismo. Na Idade Média *sacramentum* e *mysterion* se tornaram mais precisos, o *primeiro* ficou reservado para designar os ritos sagrados e de modo especial os sete sacramentos: o Batismo, a Crisma, a Eucaristia, a Penitência, Unção dos enfermos, da Ordem e do Matrimônio. O *segundo* ficou reservado ao seu significado básico: o plano de Salvação concebido pelo Altíssimo, desde sempre, conforme o ensinamento de São Paulo [1Cor. 2,8; Ef. 3,9; Cl. 1,26 e Rm. 16,25], portanto os efeitos *salvíficos da Redenção Cristã*, nascimento, morte e ressurreição do Senhor *Jesus (Yeshua)*, o *Messias esperado* de Israel.

Em resumo para concluir, *mistério* nos primeiros séculos do cristianismo designava o *plano salvífico concebido por D'us* desde sempre, a *ação salvífica do Senhor Jesus (Yeshua)*, que começou a revelar esse plano, a celebração dessa obra salvífica no culto sagrado, os símbolos do AT que prefiguram o *Cristo Salvador* e as verdades de fé ligadas a essa *ação salvífica*⁹¹.

Continuando, após esse esclarecimento, podemos apresentar resumidamente uma explicação sobre a doutrina cristã da *Santíssima Trindade*. A fé da Igreja primitiva apresentava a doutrina acerca de *D'us uno* e criador formando como que uma

⁹⁰ Tinha o significado de *fidelidade* prestado a Roma pelos soldados, um ato que para os romanos tinha o valor de *consagração religiosa* e só era permitido àqueles que não fossem indignos. Como os antigos se referiam aos serviços do culto dos mistérios como uma *sancta militia*, ficou claro que *mysterion* seria traduzido por *sacramentum* (um vocábulo de uso exclusivamente militar e religioso no Império Romano)

⁹¹ Mais recentemente a renovação dos estudos da Escritura Sagrada, Teologia, Liturgia e História levou ao enriquecimento do conceito de *mistério*. Nesse particular foi importante a ação promovida pelo monge alemão Odo Casel (1886- 1948). Estudou Filologia Clássica na Universidade de Bonn tornou-se beneditino em 1905 e mudou-se para viver na Abadia de Maria Laach, onde depois de completar seu treinamento foi ordenado em 1911. Ele se mudou para Roma, onde ele obteve um doutorado em Teologia Dogmática sobre a Doutrina Eucarística de São Justino Mártir. Então voltou para Bonn, onde obteve outro Doutorado em Filologia Grega com uma dissertação sobre o *silêncio místico*, como os filósofos gregos. Em seu retorno à Abadia de Laach inicia seus estudos na Liturgia. Em suas publicações litúrgicas no *Eccllesia Orans* em 1918 apresenta sua teoria considerando o uso da palavra *mistério* (ou *mistérios*) nas orações do Missal Romano. Propôs interpretá-la no sentido de *rito salvífico* que torna presente a obra salvadora do Senhor Jesus. Sua posição, era controversa pois *tecia um paralelo entre os mistérios cristãos e os do paganismo*, baseando-se intensamente sobre o significado das religiões “*de mistérios*”. De qualquer modo a discussão levou a maior clareza e terminou como a reafirmação de que os *mistérios cristãos são o próprio exercício da obra da Redenção* feita presente em nossos ritos para que dela possamos participar: a celebração da Eucaristia é o ponto mais alto e denso dos “*santos mistérios*”. Definiu *mistério* como sendo: *...A Ação sagrada de caráter cúltilico, na qual um ato salvífico se torna presente sob a forma de rito pelo fato de que a comunidade realiza esse rito tomando parte no ato salvífico e obtém assim a salvação* ver in BITTENCOURT, ESTEVÃO T. *Curso de Liturgia Escola Mater Ecclesiae*, módulo 7, p. 25. Rio de Janeiro: Escola Mater Ecclesiae, 2011. Foi um teólogo particularmente influente no movimento litúrgico. Suas idéias foram integradas ao ensino oficial da Igreja Católica pelo Papa Pio XII em sua encíclica *Mediator Dei*, em 1947. O concílio Vaticano II em 1963 retomou tal concepção usando por vezes a expressão precisa *mistério pascal* [Sacrosanctum Concilium nº 6 e 7].

premissa indiscutível. A revelação cristã especificamente dita, porém, reduzida a uma forma simples, consistia na convicção de que D'us tinha se dado a conhecer na pessoa de *Jesus, o Messias de Israel* (Cristo), ressuscitando-o dos mortos e oferecendo a salvação aos homens através d'Ele, e que *Jesus tinha derramado seu Espírito Santo sobre a Igreja*. Embora no período primitivo não houvesse ainda credos com fórmulas estabelecidas, é evidente que nos tempos apostólicos o mote principal da evangelização da Igreja era que *D'us havia enviado o seu Filho, o Messias Jesus, que havia morrido, ressuscitado no terceiro dia, subido ao céu, o qual haveria de retornar em glória*. Frequentemente incluía-se uma referência ao Espírito Santo, inspirador dos profetas do AT e dom concedido nestes últimos tempos aos fiéis. Algumas vezes estas expressões se encaixam num molde binário referindo-se apenas ao *Pai e ao Senhor Jesus*, mas o *molde ternário*, afirmando a crença no *Pai* que criou o Universo, no seu Filho Jesus Cristo, e no Espírito Santo, gradualmente se torna normal à medida em que avança o segundo século⁹².

A doutrina trinitária professa que o conceito da existência de um só D'us, *onipotente, onisciente e onipresente*, revelado em *três pessoas distintas*, pode-se fundamentar a partir de muitos trechos do AT e NT. Mas como se chegou a essa decisão? Ratzinger⁹³ esclarece que o caminho decisivo envolveu três atitudes básicas. A primeira deve-se ao imediatismo do homem com D'us; representado na relação com Jesus, nele acessível como seu próximo, o homem encontra o próprio D'us (do latim *Emmanuel*, hebraico: *Deus conosco*, é um nome profético citado em Is 7, 14 e Mt 1, 23), não um ser híbrido que se colocasse entre o homem e Deus. Segundo, a preocupação pela verdadeira divindade de *Jesus* na Igreja antiga tem as mesmas raízes que o cuidado com a sua condição humana. Somente sendo um homem real como nós, Jesus Cristo poderia ser o *nosso mediador*; e somente sendo D'us real, sua mediação alcança a meta, meta de uma piedade comprometida com a verdade só pode estar naquele D'us que é o fundamento real do mundo e está completamente próximo⁹⁴. Terceiro, a atitude básica para com o esforço em tomar a sério a *História de D'us* com o homem: D'us se apresenta como Filho que diz *tu ao Pai*, não se trata de nenhuma encenação feita para o homem, mas de uma expressão de realidade. As *três pessoas* são três papéis com que D'us se revela no decorrer da história⁹⁵.

Alguns exemplos importantes entre os mais citados é o relato sobre o batismo de *Jesus*, em que as chamadas *três pessoas da Trindade* se fazem presentes a partir de uma figura de linguagem, *a vinda do Espírito Santo sobre Jesus sob a forma de uma pomba*, conforme Lc 3, 22 e Mt 3, 17, além de Mt 28, 19: *Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo*. Segundo a Bíblia de Jerusalém⁹⁶, essa fórmula pode ser um reflexo do *uso litúrgico posterior* fixado na comunidade primitiva. Sabe-se que o livro dos Atos do Apóstolos fala em *batizar no nome de Jesus* (At 1, 5+ e At, 2,38+) e que mais tarde deve ter-se estabelecido a *associação do batizado às três pessoas da Trindade*. De qualquer modo, o que ocorre é a união do batismo a pessoa de *Jesus Salvador*, mas toda obra salvadora procede do *amor do Pai* e se completa pela *efusão do Espírito*. Em *Didaqué* (ou a *Instrução dos doze apóstolos*)⁹⁷ considerado um dos mais antigos escritos cristãos não-canônicos, datado por

⁹² KELLY, cap 4, p.61, 1994.

⁹³ RATZINGER, cap. 5, p.124, 1970. Joseph A. Ratzinger foi entronizado como Papa Bento XVI em 2005, terminando o pontificado em 2013. Atualmente é Papa Emérito da Igreja Católica.

⁹⁴ Não é difícil de perceber que aqui está posta a atitude fundamental do *monoteísmo*, a identidade já descrita de *D'us da fé e de D'us dos filósofos*, alcançando aqui à sua posição mais aguda, in RATZINGER, cap. 5, p.125, 1970.

⁹⁵ Aqui a palavra *pessoa* do grego *prósopon* e do latim *persona* é análoga à da linguagem teatral. Chamava-se assim a *máscara* que permitia ao artista tornar-se a *encarnação* de um outro *eu*. A partir dessas conotações a palavra foi introduzida na linguagem da fé. Os *modalistas* ensinavam que as *três figuras* de D'us eram *modos* como D'us é percebido pela nossa consciência e como ele mesmo se explica. In RATZINGER, cap. 5, p.125, 1970.

⁹⁶ A BÍBLIA DE JERUSALÉM. Evangelho Segundo Mateus, p.1283, 1981.

⁹⁷ PADRES APOSTÓLICOS, *Didaqué*, Instrução 7, § 1, p. 336, 1995.

alguns analistas entre os anos 70 e.c. e 120 e.c., bem anterior a muitos escritos do Novo Testamento. O documento é um excelente testemunho do pensamento da Igreja Primitiva e aqui o mencionamos por trazer um testemunho do uso da *fórmula batismal trinitária* usada pela Igreja Primitiva:

Quanto ao batismo, procedam assim: depois de ditas todas essas coisas, batizem em água corrente, em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo.

Na verdade, desde a proclamação primitiva da morte e ressurreição de *Jesus de Nazaré*, a qual obrigou os evangelistas Mateus, Marcos e João a uma laboriosa tarefa, passando pelas primeiras afirmações do Novo Testamento da plena *divindade de Jesus*, da *personalidade do Espírito Santo* e o surgimento das *primeiras fórmulas trinitárias* até ao *Credo niceno-constantinopolitano*, um tortuoso caminho foi burilado pelas primeiras gerações de cristãos. Embora Quintus Septimius Florens Tertullianus, conhecido como *Tertuliano*, nascido em Cartago (160 e.c - 220 e.c), escritor cristão e jurista⁹⁸ é talvez mais famoso por ser o autor mais antigo, a utilizar o termo *Trindade (Trinitas)* e por nos dar a mais antiga exposição formal ainda existente sobre a *teologia trinitária*⁹⁹. Mas, Clemente Romano ou *Clemens Romanus* (35e.c-100), de família hebraica, um dos primeiros a receber o batismo de São Pedro, foi sucessor de Anacleto I, considerado o primeiro Pai da Igreja [o quarto papa da Igreja, entre 88 e 97] em sua *Carta ao Coríntios*¹⁰⁰ apresenta já uma tradição apostólica na *doutrina trinitária* em Sucessão apostólica § 42:

Os apóstolos receberam do Senhor Jesus Cristo o Evangelho que nos pregaram. Jesus Cristo foi enviado por Deus. Cristo, portanto, vem de Deus, e os apóstolos vem de Cristo. As duas coisas, em ordem, provem, da vontade de Deus. Eles receberam instruções e, repletos de certeza, por causa da ressurreição de nosso Senhor Jesus Cristo, fortificados pela palavra de Deus e com a plena certeza dada pelo Espírito Santo, saíram anunciando que o Reino de Deus estava para chegar.

Na realidade, o povo vetéro- testamentário de D'us, experimentou YHVH como autor da história. A mensagem neotestamentária de D'us confirma esse conhecimento no AT.

*Escuta, Israel! O Eterno é nosso D'us, o Eterno é um só!*¹⁰¹. Mas também, o mesmo argumento é usado a partir do Gênesis [Gn 1, 26]: *Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança, e que domine sobre o peixe do mar, sobre a ave do céu, sobre o animal e em toda a terra, e sobre todo réptil que se arrasta na terra* [Dt 6, 4]¹⁰².

O NT nos apresenta ao mesmo tempo que *D'us todo poderoso*, permanente na antiga aliança, é o *Pai de Jesus de Nazaré*; segundo a terminologia dos concílios eclesiásticos e da Teologia que os preparou e interpretou, o *D'us do AT* é o *Pai de Jesus Cristo, a primeira pessoa divina na vida trinitária do único D'us*. O *D'us da revelação vetéro- testamentária* manifesta-se no testemunho

⁹⁸ Essa informação é de acordo com a tradição, e se baseiam principalmente em Eusébio de Cesareia na sua *História Eclesiástica* (livro II, cap 2. Acredita-se que Tertuliano foi um advogado por causa do uso que ele faz de analogias legais e de uma identificação dele com o jurista *Tertulianus*, que foi citado no *Digesta seu Pandectae*. Embora Tertuliano utilize conhecimentos da lei romana em seus escritos, seu conhecimento legal não. Dos escritos de *Tertulianus*, um advogado com o mesmo cognome, existem apenas fragmentos e eles não demonstram uma autoria cristã. E *Tertulianus* só foi confundido com Tertuliano muito depois, por historiadores cristãos, in BARNES, TIMOTHY. *Tertullian: A Historical and Literary Study*, p. 23. Oxford: Clarendon Press,1971. Há um estudo controverso se ele era ou não um padre. Em suas obras sobreviventes, ele jamais se descreve como ordenado pela Igreja e parece se colocar como leigo em trechos de *Exortação à Castidade e Sobre a Monogamia*, ver in BARNES, TIMOTHY. *Tertullian: A Historical and Literary Study*, p. 11. Oxford: Clarendon Press,1971.

⁹⁹ KELLY, cap 3, p.82, 1994

¹⁰⁰ PADRES APOSTÓLICOS, Clemente Romano, § 42 p.53, 1995.

¹⁰¹ GORODOVITS, DAVID, FRDLIN, JAIRO. Bíblia hebraica. São Paulo: Editora e Livraria Sêfer, 2007..

¹⁰² Idem.

do NT como aquele que *enviou seu Filho ao mundo e, junto com este, enviou o Espírito Santo*. Mais do que uma especulação teórica e abstrata, que mais tarde viria a ser preponderante, a afirmação teológica da *Trindade* ocorreu sobretudo a partir do uso dos textos bíblicos em ambiente litúrgico eclesial. Esta doutrina, de fato, apoia-se e tem seu alicerce no âmbito da *práxis batismal* (veja-se por exemplo o acima citado de *Didaquê*) e na *Eucaristia*. A doutrina eclesiástica sobre a *Trindade divina*, tomando como base o NT, só conseguiu sua forma mais clara depois de longos estádios de evolução¹⁰³. Novamente citando Santo Agostinho, que tentou e esforçou-se exaustivamente por compreender e desvendar o *enigma da Trindade*, após muito tempo de reflexão, esforço e trabalho, chegou à conclusão que: Nós, devido à nossa mente extremamente limitada, nunca poderíamos compreender e assimilar plenamente a dimensão (infinita) de D'us somente com as nossas próprias forças e o nosso raciocínio¹⁰⁴.

RATZINGER¹⁰⁵ considera que as ponderações sobre o tema não arrancam o *véu de mistério* à *doutrina trinitária*; contudo poder meio delas, se abre nova compreensão da realidade, do que é o homem, do que é D'us. Falando-se de D'us, descobre-se *quem é o homem*; portanto o mais paradoxal é simultaneamente o mais claro e o mais econômico (prático).

3.3 Sobre as heresias e o problema do arianismo

Alain Corbin¹⁰⁶ em sua *História do Cristianismo*, explicita alguns dos motivos da diversidade que caracterizava o cristianismo nascente, conforme as formas que adquirem as relações com o judaísmo, as relações com o mundo politeísta penetrado pelas missões aos *gentios* e a referência a *Jesus* (Yeshua) nas comunidades primitivas. As Cartas de Paulo e os Atos dos Apóstolos de Lucas apresentam conflitos; há diferenças entre a teologia dos escritos joaninos e a dos Evangelhos sinópticos. Existem exemplos que levam em conta os antigos escritos cristãos, qualificados mais tarde como *apócrifos*. As Igrejas constroem sua identidade; os indivíduos, as suas doutrinas e circulam num ambiente que expressa aspirações à unidade. Essa posição confirma que sempre existiram, desde os tempos da vida de *Jesus Cristo* com seus discípulos, controvérsias e desentendimentos tanto em nível doutrinário quanto em nível disciplinar. É um engano e irreal acreditar que a Igreja primitiva vivia numa profunda harmonia na mais intensa caridade e fraternidade¹⁰⁷. Tais informações certamente não passaram despercebidos de Newton ao iniciar seu estudo da literatura patrística.

A partir do momento em que o *cristianismo* inicia formalmente sua difusão no mundo, certos conflitos internos ficam explícitos, conseqüentemente surgem *heresias* em oposição a *ortodoxia* resultante do fortalecimento das estruturas. A adoção de um modelo comum de exclusão se situa no momento em que a *ekklesia* (palavra grega que traduzimos como Igreja)¹⁰⁸ procura ser reconhecida, definindo sua autenticidade de acordo com as maneiras de pensar daqueles que ela precisa evangelizar. Há uma questão preliminar importante; trata-se da atitude da Igreja primitiva, a *doutrina cristã si*, em particularmente às suas fontes e autoridade. O *cristianismo* surgiu como uma *religião de revelação* entre os vários grupos judaicos distintos,

¹⁰³ SCHMAUS, MICHAEL. *A Fé da Igreja*, vol II, cap. I p.13 Tradução da 2ª ed. Marçal Versiani. Petrópolis: Editora Vozes, 1982.

¹⁰⁴ AGOSTINHO, Santo. *A Trindade*. Tradução e introdução de Augustinho Belmonte. São Paulo: Paulus, 1994.

¹⁰⁵ RATZINGER, cap. 5, p.148, 1970.

¹⁰⁶ CORBIN, cap.IV, p.63, 2009.

¹⁰⁷ FRANGIOTI, cap 1, p.7, 1995.

¹⁰⁸ O Dicionário Houaiss, afirma que a palavra *Igreja*, no sentido mais espiritual que material: gr. *ekklésia*, as *assembleia por convocação, assembleia do povo ou dos guerreiros, assembleia dos anfitiões, assembleia de fiéis, lugar de reunião* ou de uma *assembleia*, igreja, pelo lat. *ecclésia, ae assembleia, reunião, ajuntamento dos primeiros cristãos*, a comunhão cristã, igreja, templo, desde cedo com *i* - inicial, embora sofra influência eclesiástica semierudita. Na mudança do -cl- intervocálico pelo -gr-; cumpre ter em conta a posição antetônica e inicial da vogal -i-, que, em toda a cognação, nunca foi ou é tônica (cf. idade e cog.); lembre-se que a grafia *egreja*, no séc. XVIII, decorre de tendência, às vezes equivocada, de imitar o latim em todas as palavras grafadas com *e* pronunciado *i*; ver *eclesi(o)*; filologia histórica: séc. XIII igreja, séc. XIII *egreja*, séc. XIII *ygreja*, séc. XVIII *egreja*.

entre os quais se vê a representação tanto da opinião e posicionamento escriturístico de seus integrantes bem como de suas ideologias filosófico-políticas, a maioria das quais com muito em comum entre si, mas divergentes em vários aspectos. Como tal reivindicou uma *origem sobrenatural* para a sua mensagem, pois sua fonte última, como os teólogos dos primeiros séculos havia percebido com clareza, está estabelecido na pessoa, palavras e obras de *Jesus Cristo* no quadro da *revelação* de que *Ele* é o clímax.

Sob esse aspecto o problema é muito mais complexo. O que se quer dizer com a *doutrina cristã* é o ensinamento da *ekklesia*, desde o final do primeiro século em diante. Isso levanta de uma vez a questão dos meios pelos quais a *revelação original* foi preservada e transmitida pela *ekklesia*. Além disso, existem os princípios pelos quais estes meios foram interpretados e numa investigação percebendo-se que as interpretações eram susceptíveis de variar, é desejável considerar os critérios pelos quais a Igreja, julgava as doutrinas serem correta ou errônea, ortodoxa ou herética. Em termos gerais, o problema que se coloca é o problema da Tradição e da Escritura, ou seja, da relação entre as duas. Todos os primeiros teólogos reconhecem que o próprio D'us foi o autor último da revelação; que arrebatou a inspiração dos profetas e legisladores, sobretudo dos apóstolos que foram testemunhas oculares do *Verbo encarnado*[Jo 1, 1-17], e eles repassaram para a Igreja:

Aqueles que tem certeza de que a graça e a verdade nos vieram por Jesus Cristo (Jo 1. 17) sabem, pelas suas próprias palavras (Jo 14, 16) que a Verdade é Cristo, e que é só das palavras de Cristo e do seu ensinamento que recebem o conhecimento que chama os homens a viver no bem e na felicidade ¹⁰⁹.

O conjunto de normas que constroem a *ortodoxia*, o adjetivo que qualifica a fé da Igreja foi completado no séc IV e.c., quando os defensores do Concílio de Nicéia opõem a *ortodoxia* à *heresia ariana*¹¹⁰.

O termo *heresia* geralmente se refere às crenças que foram declaradas *anátemas* pela Igreja Católica Romana. Segundo a Edição Típica Vaticana do Catecismo da Igreja Católica¹¹¹ denomina-se *heresia* a negação pertinaz, após a recepção do Batismo, de qualquer verdade que se deve crer com fé divina e católica, ou a dúvida pertinaz a respeito dessa verdade. Na realidade desde os primeiros séculos da era cristã surgiram cisões que foram censuradas com vigor e condenáveis. Dissensões mais amplas nasceram nos séculos posteriores, em especial a partir do terceiro século. Essas dissensões declaradas e profetizadas num documento que segundo a tradição aceita é de autoria do *príncipe dos apóstolos*, São Pedro:

*Houve, contudo, também falsos profetas no seio do povo, como haverá entre vós falsos mestres, os quais trarão heresias perniciosas, negando o Senhor que os resgatou e trazendo sobre si repentina destruição [2Pd 2, 1]*¹¹²

Comunidades não muito pequenas separaram-se da plena comunhão por vezes não sem culpa de homens de ambas as partes¹¹³. Orígenes¹¹⁴ considera que a unidade rompida não acontece sem os pecados dos homens:

¹⁰⁹ ORIGENES. *Tratado sobre os Princípios*, Prefácio, p. 49. Tradução João Eduardo P. B. Lupi. São Paulo: Paulus, 2012. Orígenes de Alexandria ou Orígenes de Cesaréia ou ainda Orígenes, o Cristão (185 e.c.– 253 e.c.), foi um escritor cristão, teólogo, filósofo neoplatônico patrístico e é um dos chamados *padres gregos*. ligado à Escola Catequética de Alexandria, no período pré-niceno.

¹¹⁰ CORBIN, cap.IV, p.66, 2009.

¹¹¹ CIC, 2089, p.550, 2000.

¹¹² BJ, 2 Pd, p.1590, 1981.

¹¹³ Concílio Ecumênico Vaticano II, Decreto sobre o Ecumenismo *Unitatis Redintegratio*, 21 de Novembro de 1964.

¹¹⁴ SCHECK, THOMAS P. *Origen: Homilies 1-14 on Ezekiel*. Mahwan: Paulist Press, 2010.

Onde estão os pecados, aí está a multiplicidade, aí o cisma, aí as heresias, aí as controvérsias. Onde, porém, está a virtude, aí está a unidade, aí a comunhão, em força disso, os crentes eram um só coração e uma só alma

Heresia é antes um código, uma sigla a resumir alguma verdade permanente que só subsiste unida com outras declarações igualmente válida, separada das quais ela resulta em falsa visão. O jansenista Saint-Cyran exprimiu um pensamento memorável, afirmando que a fé consiste em uma série de paradoxos que se conservam unidos pela graça, uma ideia típica da Física Moderna conhecida como *Princípio da Complementaridade* de Niels Bohr¹¹⁵. Para Hilário de Pointiers¹¹⁶ a *heresia nasce da interpretação errônea, não da Escritura, nem na palavra, mas no sentido imposto*, pois a verdade não pode ser corrompida. Em sua exposição, são os *homens de mente perversa que tudo confundem e complicam e não podendo modificar a realidade das coisas introduzem novas doutrinas e invenções humanas*. Existe uma inevitabilidade, uma opção pelo esforço de submissão e obediência. Isso permitiu uma afirmação do Apóstolo dos gentios:

É preciso que haja até mesmo cisões entre vós, a fim de que se tornem manifestos entre vós aqueles que são comprovados ¹¹⁷

As comunidades cristãs, no seu início, não possuíam forma alguma de diferenciação entre os seus participantes. No entanto, a partir de um momento difícil de precisar, mas que deve se situar entre o final do século I e início do século II, observa-se o surgimento de grupos diferenciados nestas comunidades, os *episkopoi* ou guardiães da religião, e os *diakonoi* ou servidores da religião, evidenciando dessa forma a passagem de um *cristianismo igualitário* para um *cristianismo hierárquico*. Tais funções foram se cristalizando e se afirmando nas comunidades cristãs, chegando ao nível de funções definidas e hierarquizadas já nas primeiras décadas do séc. II e.c.. Neste contexto, estas comunidades se autodenominavam *ekklesia* e possuíam à sua frente membros que se dedicavam à administração religiosa, como os bispos que outrora eram os *episkopoi*. Com isso, os membros, que eram denominados *diakonoi*, foram progressivamente afastados, tornando-se simples auxiliares nas comunidades.

Ao mesmo tempo em que estas comunidades estavam se hierarquizando, havia uma miríade de manifestações de correntes cristãs que se distinguiam de tais comunidades, pois mesclavam tradições egípcias, helenísticas, persas e outras, tornando-se assim difícil identificar a verdadeira fé cristã. Os líderes das *ekklesia*, porém, reivindicavam para a Igreja, desde o início do séc. II e.c., o título de verdadeira portadora da fé cristã, mas para tanto estes líderes iniciaram um processo de *descaracterização das outras modalidades do cristianismo*.

A mais antiga das *heresias* [FRANGIOTTI, 1995; CRISTIANI, 1962] é conhecida como *judaizantes* [At 15,1] (radical e moderada), os quais exigiam a manutenção da *Lei mosaica* e todas as suas prescrições. Como consequência a grande maioria dos *judeus-cristãos* formaram seitas separadas e a principal foi a dos *Ebionitas*. Eusébio, Bispo de Cesaréia Marítima¹¹⁸, em sua *História Eclesiástica* relata que eles tinham de *Cristo conceitos pobres e acanhados, considerando-o de fato simples, vulgar, apenas homem, justificado pelo progresso na virtude, gerado pela união de um homem e Maria, julgando ser um dever observar a Lei, porque em sua opinião não se salvariam somente pela fé em Cristo*. Eusébio cita várias outras *heresias*: *cerintianos*¹¹⁹, *Taciano*¹²⁰, *elquesai-*

¹¹⁵ RATZINGER, cap. 5, p.131, 1970.

¹¹⁶ HILÁRIO DE POITIERS, Livro Segundo, p.54, § 3, 2005

¹¹⁷ BJ, 1Cor 11, 19, p.1501, 1981.

¹¹⁸ EUSÉBIO DE CESARÉIA. Livro Terceiro, § 27, p.150, 2000.

¹¹⁹ EUSÉBIO DE CESARÉIA. Livro Terceiro, § 28, p.151, 2000

¹²⁰ EUSÉBIO DE CESARÉIA. Livro Quarto, § 29, p.215, 2000

tas¹²¹, Sabélio¹²², Nepos e o cisma que criou¹²³, Paulo de Samósata¹²⁴, da perversão dos maniqueus¹²⁵. Outras heresias conhecidas foram as *tendências helenistas*, *nicolaítas* [Ap 2, 6-20] criada pelo diácono helenista Nicolau (Bala'am) de Antioquia, o *gnosticismo* que ao contrário dos ebionitas apegados as tradições judaicas, aceitavam que Jesus de Nazaré fosse o verdadeiro Messias de Israel, mas não o admitiam como *Filho de D'us* no sentido próprio, natural, legítimo; vivendo na pobreza e na estrita observância daquilo que aprenderam de Jesus¹²⁶, os *gnósticos* seita existente do tempo dos apóstolos¹²⁷, eram pagãos que aceitaram a fé cristã nela queriam introduzir principalmente suas concepções pessoais, teorias filosóficas; o *adocionismo*, os *ofitas* ou adoradores da Serpente assim como hoje há o *culto a Satanás*; o *montanhismo*, uma seita que tentava substituir a autoridade da hierarquia pela *inspiração direta* professando o *milenarismo*.

Mas chama atenção neste ponto o fato de que ao mesmo tempo em que abomina as heresias relatadas, Eusébio tem sua conduta comprometida, pois era admirador de Orígenes (dedicou praticamente todo o Livro Sexto de sua *História Eclesiástica* a Orígenes), o qual realizou uma *exegese alegórica das escrituras* (subordinacionismo), que pode ser interpretada como a *origem teológica do arianismo*, doutrina da qual Eusébio era simpatizante e partidário, tendo defendido e exaltado a Ário, o presbítero de Alexandria que *intensificou o arianismo*, embora não tenha sido o fundador da doutrina. Na verdade Luciano, um padre de Antioquia, com base na *doutrina de Paulo de Samosata*, condenado pelo Concílio de Antioquia por volta de 268, preservou parte dessa doutrina proclamando que:

Em Jesus, a alma que anima o corpo do homem é substituída pelo Verbo, que podemos chamar Deus, por ser o primogênito de Deus, mas que é inferior a Deus por que foi criado por Deus e por Ele foi tirado do nada.

Ele, Luciano de Antioquia, é o *verdadeiro pai do arianismo*¹²⁸.

O *arianismo* foi uma *visão cristológica* sustentada pelos seguidores de Arius (250 e.c.- 336 e.c.), padre norte-africano, que deu o seu nome a uma das *heresias mais emblemáticas do cristianismo*. Quanto ao local e data precisa de seu nascimento não se sabe ao certo, mas parece ter nascido na Líbia. Ele foi aluno de Luciano de Antioquia, e durante o bispado de Pedro de Alexandria (300e.c.- 311 e.c.). Ário foi ordenado *diácono* na cidade da Igreja de Baucalis e começou uma carreira pastoral tempestuosa. Suas pregações inflamadas acompanhadas de pureza e desprezo pelos bens temporais e tudo o que fosse carnal, apresentavam ideias sobre a *Trindade*, fundamentadas no seu conceito filosófico de *Logos*¹²⁹ de Filon, o qual é equivalente a *Sabedoria e à Palavra de D'us* bíblicas. *Palavra* criadora com que D'us guia e *Palavra que salva*. Esse vínculo mantém o mundo unido, é o poder criador com que D'us produz o universo e o

¹²¹ EUSÉBIO DE CESARÉIA. Livro Sexto, § 38, p.322, 2000.

¹²² EUSÉBIO DE CESARÉIA. Livro Sétimo, § 6, p.346, 2000

¹²³ EUSÉBIO DE CESARÉIA. Livro Sétimo, § 24, p.371, 2000

¹²⁴ EUSÉBIO DE CESARÉIA. Livro Sétimo, § 27, p.380, 2000

¹²⁵ EUSÉBIO DE CESARÉIA. Livro Sétimo, § 31, p.388, 2000

¹²⁶ De modo geral, os *ebionitas*, refutavam Paulo por sua posição liberal frente à Lei, João, o evangelista, porque reconhecia a divindade e a preexistência de Jesus e Lucas por causa de sua exaltação a *virgindade de Maria*, ver in FRANGIOTTI, cap I, p.21, 1995.

¹²⁷ FRANGIOTTI, cap II, p.31, 1995.

¹²⁸ CRISTIANI, cap II, p.17, 1962. Eusébio, por sua atitude e por ter-se recusado a aderir a *fórmula de fé* que condenava os ensinamentos de Ário foi destituído de suas funções eclesiásticas pelo Sínodo de Antioquia de 323-324 que o excomungou juntamente com mais dois bispos. No entanto foi reabilitado no Concílio de Niceia, quando propõe um *símbolo de fé* conciliatório, embora ortodoxo, mas que não resolvia as pendências arianas.

¹²⁹ Filon de Alexandria. A implicação filosófica sobre o *Logos* ocorre devido a influência do *subordinacionismo*, uma controvérsia dogmática que defendia a divindade de Jesus o Filho de D'us mas acentuava sua *inferioridade e subordinação* a D'us Pai. Orígenes, devido sua formação platônica, influencia favoravelmente de maneira decisiva; tendo sido acusado por São Jerônimo de forma severa, mas não tanto quanto Gregório Taumaturgo (213 e.c.- 270 e.c.) e Atanásio de Alexandria (296 e.c.- 373 e.c.). Essa controvérsia foi um dos agentes motivadores do Concílio de Niceia; ver in KELLY, chap V, § 7, p. 132 1968.

poder régio com que governa o que criou¹³⁰. Essas ideias sobre a *Trindade* se aparentavam ao *adocionismo* e ao *subordinacionismo* de seu mestre Luciano de Antioquia.

A *heresia ariana* é caracterizada por afirmar a *existência de um único D'us*, o Pai, um *Ser Supremo e Absoluto*, eterno, absoluto, imutável e incorruptível¹³¹, não podendo comunicar seu *Ser*, nem mesmo parcela s dele, nem por criação nem por geração. Assim, seria *impossível* a D'us *gerar um filho*. Para criar o mundo, o D'us Supremo criou antes um ser intermediário para servir de instrumento da criação, o *Logos* (que não é eterno). É o primogênito das criaturas, mais excelente de todas, acima de todos o criado, mas *não é igual a D'us*. Para ele, *Jesus Cristo* era apenas uma criatura, um receptáculo do *Logos*. Nessas condições, o *Logos* como instrumento de D'us Pai é um *deus* em relação às outras criaturas, esse *Logos divino* se encarnou e se tornou a *alma de Jesus Cristo*, que foi adotado como *Filho de D'us*, mas que devido a sua *contaminada condição humana* não poderia ser D'us como o Pai; *Jesus Cristo* seria o *mediador* em relação a D'us Pai, devido a sua inferioridade¹³².

Em algum momento entre 318 e 323 Ário entrou em conflito com o Bispo Alexandre de Alexandria por não se uniformizar com o ensino tradicional sobre a *natureza de Jesus*. Questões pessoais, doutrinárias, políticas e econômicas, somaram-se para complicar a discussão. Em uma série confusa de sínodos, uma trégua foi tentada entre adeptos de Alexandre e os seguidores de Ário, em março de 324. Alexandre convocou um Sínodo Provincial com o objetivo de escolher o sucessor de Filógeno morto em dezembro de 324 e.c.; a escolha que recaiu sobre Eustáquio, reconhecido por sua adesão às ideias de Alexandre. O reconhecimento não impediu a condenação pois Ário havia anematizado oferecendo uma resposta a trégua com a sua publicação de *Thalia* (Banquete)¹³³. Em fevereiro, 325, Ário foi então condenado pelo Sínodo em Antioquia 323-324. Com vistas a condenação da *heresia* o sínodo elaborou uma *profissão de fé* na qual ressalta que o *Filho nascera do Pai*, em sentido próprio:

...em um só Deus onipotente, imutável e eterno, que uida de tud⁹, e tudo dirige; justo, bom, criador do céu e da terra e de quanto nela se contém, Senhor da Lei, dos profetas e do Novo Tertamento. E em um Senhor Jesus Cristo, filho único, o qual nasceu não do nada, mas do Pai, não como uma obra, mas em sentido próprio, como um Filho, que foi gerado de maneira inefável...que era de todos os tempos¹³⁴.

Além de excomungar três dos bispos participantes do sínodo que se negaram a subscrever o documento houve uma ampla divulgação da carta sinodal e uma cópia foi especialmente enviada ao *bispo de Roma* e da Itália, os quais aderiram prontamente. Um dos bispos condenados é Eusébio de Cesaréia, simpatizante da doutrina ariana. No entanto foi reabilitado e esteve presente no concílio de Niceia à frente do grupo de tendência *subordinacionista*, tentando manter-se distante tanto de Ario quanto de Atanásio, defensor radical da *consustancialidade*. Propôs um *símbolo de fé* conciliatório, o qual foi reconhecido como ortodoxo, mas que não solucionou as questões suscitadas pela cristologia de Ario; no entanto serviu de base para a elaboração do *símbolo de Nicéia*. Como o Concílio era dirigido pelo Imperador, do qual era amigo pessoal¹³⁵Eusébio se resignou a assinar o *símbolo de fé* contendo *consustancial ao Pai*.

¹³⁰ FRANGIOTTI, cap VI, p.81, 1995.

¹³¹ Podemos reconhecer essas afirmações nos escritos de Isaac Newton, em especial no *General Scholium*.

¹³² FRANGIOTTI, cap VII, p.86, 1995.

¹³³ WILLIAMS, ROWAN. *Arius: heresy and tradition* (revised edition), p. 62-66 e p. 98-116. Grand Rapids (USA): William B. Eerdmans Publishing, 2002.

¹³⁴ FRANGIOTTI, cap VII, p.91, 1995.

¹³⁵ Eusébio de Cesaréia, considera Constantino e seus filhos como enviados divinos por meio dos quais D'us em sua sabedoria lhes concedera virtude, amor, piedade e reconhecimento para com o amor de D'us. Ao escrever *Vita Constantini* em quatro volumes (que não conseguiu terminar devido sua morte em 339), Eusébio mais parece um *assessor de imprensa* do imperador Constantino, tal qual os assessores de imprensa presidenciais nos tempos modernos.

Subscreveu-o malgrado sua repugnância para não desagradar ao imperador, que queria esta fórmula e a exigia dos bispos presentes no Concílio¹³⁶.

O imperador romano Constantino o Grande (272 e.c.- 337 e.c.)¹³⁷ entrevistou nessas discussões teológicas, após a capitulação de Licínio em 323 com o objetivo de estabelecer a paz e a unidade abaladas pela crise. A interferência de Constantino, ou seja, pela primeira vez um imperador se implicara em assuntos especificamente teológicos, com a desculpa de assegurar a paz e a concórdia no império, segundo alguns historiadores¹³⁸ tumultua mais o já tumultuado problema, transformando assim um problema teológico numa questão política. No entanto tinha “visão de grande alcance”, e apesar do fato de não ser batizado, como único governante do Império Romano afirmou o direito de exercer a autoridade absoluta sobre a Igreja, considerando que um *cristianismo* unificado, nitidamente definido e firmemente conduzido é que conseguiria derrotar o paganismo do Império Romano.

Mas Constantino não soube e manter com firmeza a doutrina definida em Nicéia. Sua irmã, Constância, foi conquistada secretamente pelo *arianismo*, muito provavelmente por influência doutrinal de Eusébio de Cesaréia, o qual convence o imperador a suspender o exílio de Eusébio de Nicomédia. Tornou-se *conselheiro espiritual* de Constância e conseguiu convencer o imperador que a palavra *consustancial* tinha vestígios de *sabelianismo* desfazendo assim qualquer distinção real entre *Pai* e *Filho*. Foi mais além, com o apoio de Constância, organizou uma campanha contra todos os bispos ortodoxos mais significativos voltando contra aqueles que o obrigaram a assinar a contragosto as decisões de Nicéia toda a violência do poder. Devido a tais equívocos, por volta de 329-330 e.c., Ário foi chamado de volta do exílio, após ter feito uma confissão de fé não tão convincente¹³⁹. Dessa forma, o *arianismo puro* conseguiu revestir formas atenuadas e durante muito tempo foi se arrastando de *símbolo* em *símbolo*, sem chegar a solução exata.

Havia entretanto um nome encarnado a ortodoxia. Era Atanásio que, em 328, tornou-se o Bispo de Alexandria e foi contra Atanásio que os amigos de Ario e de Eusébio de Nicomédia

¹³⁶ EUSÉBIO DE CESARÉIA, Introdução, p.11, 2000. Eusébio posteriormente escreveu uma carta justificando aos seus diocesanos a sua posição, carta essa que revela sua repugnância: *...concordando, assim, em uma profissão unânime deles, com a inserção, contudo, daquela única palavra “homooúsios” (consustancial)... Tal era a visão filosófica do assunto tomada por nosso mais sábio e piedoso soberano;...e os bispos por conta da palavra “homooúsios”, elaboraram esta fórmula de fé...Que Ele é consustancial ao Pai, simplesmente implica que o Filho de Deus não tem semelhança com as coisas criadas, mas é em todos os aspectos como o Pai que o gerou; E que Ele não é de nenhuma outra substância ou essência, mas do Pai...Por conseguinte, uma vez que nenhuma Escritura divinamente inspirada contém as expressões “das coisas que não existem” e “houve um tempo em que ele não estava”, e outras frases que são subjacentes, parece injustificável pronunciá-las e ensiná-las...E, além disso, esta decisão recebeu nossa sanção, uma vez que tal consideração nós nunca até agora fomos habituados a empregar nestes termos; ver in SOCRATES SCOLASTICUS. *The Ecclesiastical History*, I, chap.VIII, p.31. NuVision Publications, 2007.*

¹³⁷ Constantino, era filho de Constância I ou Caio Flávio Valério Constâncio (250 e.c.- 306 e.c), imperador romano do Ocidente entre 305 e 306 com Júlia Helena, sobre cuja origem os historiadores não estão de acordo, alguns dizendo que provinha da linhagem real de Avalon, outros que era filha de uma concubina. Constâncio repudiou a esposa em 289 para casar-se com Teodora, filha do imperador Maximiano, para se ligar a corte imperial em Milão e nomeado César. A sua adoção do *cristianismo* pode também ser resultado de influência de sua mãe, Helena, que com grande probabilidade, havia nascido cristã. Mas apesar de seu batismo, há dúvidas se realmente ele se tornou cristão. Constantino favoreceu de modo igual ambas as religiões, pois *sumo pontífice imperial* ele velou pela adoração pagã e protegeu seus direitos; pode-se então afirmar que Constantino nunca se tornou cristão. No dia anterior ao da sua morte, Constantino fizera um sacrifício a Zeus, e até o último dia usou o título pagão de pontífice máximo (*pontifex maximus*). E, de fato, Constantino, até o dia da sua morte, não havendo sido batizado, não participou de qualquer ato litúrgico, como a missa ou a eucaristia. No entanto, era uma prática comum na época retardar o batismo, que era suposto oferecer a absolvição a todos os pecados anteriores e Constantino, por força do seu ofício de imperador, pode ter percebido que suas oportunidades de pecar eram grandes e não desejava desperdiçar a eficácia absolutória do batismo antes de haver chegado ao fim da vida. Ver in PAUL VEYNE, *Quand notre monde est devenu chrétien (312-394)*. Paris: Albin Michel, 2007. O imperador romano Constantino influenciou em grande parte na inclusão na igreja cristã de dogmas baseados em tradições. Uma das mais conhecidas foi o Edito de Constantino, promulgado em 321, que determinou oficialmente o *domingo como dia de repouso*, com exceção dos lavradores, medida tomada utilizando-se da sua prerrogativa de como *Sumo Pontífice*, de fixar o calendário das festas religiosas, dos dias fastos e nefastos (o trabalho sendo proibido durante estes últimos). O *domingo* foi escolhido como *dia de repouso cristão* separando-o do *Shabbat*, não apenas em função da tradição sabática judaico-cristã, como também por ser o *dia do Sol*, uma reminiscência do *culto de Sol Invictus*, culto esse que o *imperador soldado* era praticante.

¹³⁸ Idem in PAUL VEYNE, *Quand notre monde est devenu chrétien (312-394)*. Paris: Albin Michel, 2007 e CARROLL, Parte III, cap. 16, p. 171, 2002.

¹³⁹ FRANGIOTTI, cap VII, p.95, 1995

concentraram seus esforços procurando eliminá-lo, conseguindo que fosse exilado em Teveris nos confins da Gália. Enquanto isso, Ario aos 80 anos de idade morria¹⁴⁰.

Após a morte de Ario, o *arianismo* se dividiu em várias tendências: os *homeusianos* e os *anomeusi* (arianos intransigentes). A tendência ariana do *homeusiana* ultrapassou os limites do Império Romano. O *arianismo* foi definitivamente condenado como uma *heresia* após o II Concílio de Constantinopla em 381 e o *cristianismo* professado pelo Bispo de Roma, Dâmaso e pelo Bispo de Alexandria, Pedro, passa a ser a *religião oficial de todo o Império Romano*. Para se ter uma ideia de tal posição, no ano de 381 e.c Teodósio I (347 e.c.-395 e.c.) publicou *Nullus Haereticus*¹⁴¹ cujo teor afirma que:

Sejam absolutamente excluídos dos edifícios eclesiásticos, pois não estão autorizados a celebrar suas assembleias ilegais dentro dos povoados. Se tentarem qualquer distúrbio, ordenamos eliminar e expulsar das cidades esses frenéticos, de modo que as Igrejas Católicas possam ser restauradas, no mundo inteiro e recolocadas em mãos dos bispos ortodoxos que confessem o credo de Niceia.

Desse modo o *arianismo* desaparece como doutrina, mas acaba sobrevivendo por muito tempo ainda entre os bárbaros invasores do Império Romano Ocidental, os quais por sua vez aceitaram a conversão ao *cristianismo romano* no final do sec. VII¹⁴²¹⁴³. São Jerônimo (347e.c.-420 e.c.) comentando sobre esse breve período, afirma em uma fórmula que se tornou célebre: *O Universo gemeu estupefato, por ver que se tornara ariano*.

3.3 Isaac Newton, o Teólogo Irreverente

Seria Isaac Newton considerado um *apóstata*, um *herético*¹⁴⁴?

Westfall em um artigo publicado em 1987¹⁴⁵ baseado primordialmente em seus manuscritos e não em suas afirmações publicadas sobre religião, considera que Newton abraçou o *arianismo*; Snobelen, em 1999, declara que positivamente Newton era um *heretico*¹⁴⁶. No

¹⁴⁰ Santo Atanásio de Alexandria é um dos mais ilustres padres e doutores da Igreja: Passou dezessete anos fora de sua Sé em cinco exílios diferentes ordenados por quatro imperadores romanos, sem contar aproximadamente seis outros incidentes nos quais teve que fugir da cidade devido a perseguição da população que pretendia matá-lo. Conheceu e conviveu com o grande Santo Antão. Antes de morrer, contribuiu para a reconciliação e pacificação dos espíritos. Em 362 e.c., voltou do exílio para Alexandria, onde contribuiu para a eliminação das querelas dogmáticas e retomando os decretos do Concílio de Nicéia, abstendo-se de qualquer debate, seguido por tantos outros em sua posição, como Hilário de Poitiers, e os capadócijs Basílio de Cesaréia, Gregório Nazianzeno e Gregório de Nicéia. Foi também o primeiro a identificar os mesmos 27 livros do Novo Testamento utilizados hoje em dia como *canônicos*. Veio a falecer dormindo em 373 e.c. Timothy Barnes, um estudioso clássico relata em sua obra *Athanasius and Constantius: Theology and Politics in the Constantinian Empire*, p. 37. Cambridge (Mass): Harvard University Press, 1993, acusações da época contra Santo Atanásio.

¹⁴¹ BETTENSON, HENRY and MAUNDER, CHRIS. *Documents of the Christian Church*, 4th edition, part I, section I, p.24. Oxford: Oxford University Press, 2011.

¹⁴² d'ALÈS, A. Le lendemain de Nicée, *Gregorianum* 6, p.489, 1925.

¹⁴³ A condenação da *heresia* provocou um efeito colateral a partir da réplica dos cristãos ortodoxos que passaram a acentuar quase unilateralmente a *Divindade de Jesus* sem enfatizar suficientemente a sua humanidade. Isto fez com que a função de *Jesus Sacerdote e Mediador* (ligado a natureza humana) fosse desconsiderada, predominando a consciência da imensa distância que separa D'us dos homens: Aquele é Santo, estes são pecadores. Um conceito que paralelamente trouxe de volta o distanciamento de D'us para com o homem como ocorre no judaísmo. Por outro lado

¹⁴⁴ Apostasia (em grego antigo *apóstasis*, “estar longe de”) tem o sentido de um afastamento definitivo e deliberado de alguma coisa, uma renúncia de sua fé anterior ou doutrinação. Ao contrário da crença popular, não se refere a um mero desvio ou um afastamento em relação à sua fé e à prática religiosa. Pode manifestar-se abertamente ou de modo oculto. As igrejas cristãs *trinitarianas* consideram apostasia o afastamento do fiel do seio da igreja invisível, o Corpo de Cristo, para abraçar ensinamentos contrários aos fundamentos bíblicos, o que é denominado *heresia* e contrário a um ensino mais básico do cristianismo. Este tipo de apostasia é considerado extrema ingratidão e ponto central entre todas as igrejas *trinitarianas*. Heresia (do latim *haerēsis*, por sua vez “escolha” ou “opção”) é a doutrina ou linha de pensamento contrária ou diferente de um credo ou sistema de um ou mais credos religiosos que pressuponha(m) um sistema doutrinário organizado ou ortodoxo. A palavra pode referir-se também a qualquer deturpação de sistemas filosóficos instituídos, ideologias políticas, paradigmas científicos, movimentos artísticos, ou outros.

¹⁴⁵ WESTFALL, RICHARD S. Newton and Christianity. *Religion, Science and Public Policy*, p. 79. New York: Crossroads, 1987.

¹⁴⁶ SNOBELEN, STEPHEN D. Isaac Newton, heretic: The strategies of a Nicodemite, *British Journal for the History of Science*; 32, p.115, 1999; PFIZENMAIER, THOMAS C. Was Isaac Newton an Arian? *Journal of the History of*

entanto o compara com Nicodemus, o discípulo secreto de *Jesus*, que nunca declarou sua fé publicamente, aparentando uma ortodoxia judaica extremamente radical. Possivelmente esse comportamento seja devido simplesmente a uma condição tipicamente humana: o *medo*. Claro que havia muito a perder, considerando sua importância pública, pois seria muito difícil manter suas opiniões em sigilo e a rigor perderia a cátedra e toda a sua posição social. O matemático, físico e astrônomo escocês David Brewster (1781- 1868), em seu *The Life of Sir Isaac Newton* de 1831¹⁴⁷, estava plenamente convencido de que Newton era um *trinitário ortodoxo*, embora ele reconhecesse que prevalecia uma crença antiga de que Newton era um *ariano*.

Newton atacou a *doutrina trinitária* à partir de várias fontes. Começou a se apossar dele a convicção de que uma imensa fraude, iniciada nos séc. IV e V e.c. perpetrada por homens de má fé, havia pervertido o legado da Igreja primitiva. Eram centrais nessa fraude as escrituras que Newton começou a acreditar terem sido adulteradas para dar respaldo ao *trinitarismo*. Em sua opinião as *provas trinitárias* contidas no *Textus Receptus*¹⁴⁸ não são autênticas, nem coerentes exegeticamente com o contexto; seria uma doutrina que foi ilegalmente imposta sobre a igreja por Atanásio, que para ele não passava de um patife, oportunista, e herético, considerando como é incompreensível, uma intromissão ilegítima da metafísica no Cristianismo¹⁴⁹. Westfall¹⁵⁰ considera impossível determinar com precisão quando essa convicção tomou conta de seu pensamento, mas tudo indica que foi no início da década de 1670. Nesse período Newton faz alusões gerais a uma *crisologia ariana*. Em 1672-1675 ocorre um período de explicitação dessa visão com *doze proposições inteiramente arianas* sobre a natureza de *Jesus Cristo*, as quais foram reforçadas na sua velhice¹⁵¹.

A questão é que ele aborda o *problema da Santíssima Trindade* tentando oferecer uma resposta crítica ao *trinitarismo*, que mediante sua interpretação apresentava um *véu de mistério*. Sua atitude foi semelhante à forma como procedeu com os *Principia Philosophiae* de René Descartes, apresentando os *Principia Mathematica* como sua resposta crítica e derrubando o pensamento cartesiano. Não há como perder de vista o fato de que tivera sua mente treinada na *ardua escola da Matemática*. Ele aborda o problema como um matemático, onde os conceitos estão fundamentados em *axiomas* (do substantivo grego que significa *ao que parece justo*). *Axiomas* são proposições que não necessitam de prova ou demonstração, sendo necessariamente evidentes e verdadeiros, hipóteses iniciais de outros enunciados que são logicamente derivados. Newton tinha verdadeiro horror a *princípios* que não estivessem assim fundamentados, que dependessem das *controvérsias e tradições*, de uma linguagem imprecisa que leva ao erro muito mais do que pela súbita inspiração e postulações como um artigo de fé.

Ideas, Vol 58, nº 1, p. 57, 1997; AUSTIN, WILLIAM H. Isaac Newton on Science and Religion, *Journal of the History of Ideas*, Vol. 31, nº. 4, p. 521-542, 1970.

¹⁴⁷ BREWSTER, DAVID. *Memoirs of the Life, Writings and Discoveries of Sir Isaac Newton*, vol II, p. 339. Edinburgh: Thomas Constable and Co, 1860. Aqui ele cita THOMPSON, THOMAS. *History of the Royal Society*, p. 284. London: Cambridge University Press, 1812 (compilation 2011), o qual afirma que Newton não acreditava na Santíssima Trindade.

¹⁴⁸ A denominação *Textus Receptus* tem sua origem no prefácio da edição de 1633 (dos irmãos Bonnaventura e Abraão Elzevir) que diz em latim: *Textum ergo habes nunc ab omnibus receptum, in quo nihil immutatum aut corruptum damus* (Tens, portanto, o texto agora recebido por todos, no qual nada oferecemos de alterado ou corrupto). As palavras *textum* e *receptum* foram utilizadas no caso nominativo para formar *Textus Receptus*. É na verdade uma compilação dos textos contidos num conjunto de mais de 5000 manuscritos de origem Bizantina (Antioquia), trazidos pelos eruditos do Oriente (quando de sua fuga para o Ocidente devido à invasão militar islâmica do Império Bizantino), sendo que cada um destes manuscritos continha uma parte ou todo o Novo Testamento, estes manuscritos foram compostos num único texto grego contendo todo o Novo Testamento. A primeira compilação deste texto foi executada por Erasmo de Roterdã em 1516. Serviu de base para diversas traduções do século XVI ao XIX, como a Bíblia de Lutero, a Bíblia Rei James e para a maioria das traduções do Novo Testamento da Reforma Protestante, inclusive a tradução de João Ferreira de Almeida para o português em 1681.

¹⁴⁹ AUSTIN, WILLIAM H. Isaac Newton on Science and Religion, *Journal of the History of Ideas*, Vol. 31, nº. 4, p. 521, 1970.

¹⁵⁰ WESTFALL, chap 8, p.311, 1996

¹⁵¹ WESTFALL, RICHARD S. Newton and Christianity. Religion, Science and Public Policy, p. 79. New York: Crossroads, 1987.

E tal era a afirmação teológica da *Trindade*, sobretudo a partir da *interpretação dos textos bíblicos* em ambiente litúrgico eclesial¹⁵².

A convicção da existencia de uma fraude maciça que perveteu o legado da Igreja primitiva ocorrida entre os séculos IV e.c. e Ve.c. se apossou (esse é realmente o termo) dele, a ponto de acreditar que os Evangelhos haviam sido corrompidos para dar suporte ao *trinitarismo*. Ele escreve isso num ensaio na forma de duas cartas para John Locke em 19 de novembro de 1690. Suas dúvidas surgem quando ele lê um número de passagens numa de suas versões da Bíblia (a versão conhecida como Bíblia do Rei James iniciada 1604 e completada em 1611). Essa passagens são motivadoras para escrever um ensaio *Two Notable Corruptions of Scripture*, onde ele arguiu que em duas passagens: 1 Jo 5, 7 onde se lê

Porque três são os que testemunham: o Espírito, a água e o sangue, e os três tendem ao mesmo fim¹⁵³.

e também em 1 Tm 3, 16, onde se pode ler

Seguramente, grande é o mistério da piedade: Ele foi manifestado na carne, justificado no Espírito, contemplado pelos anjos, proclamado às nações, crido no mundo e exaltado na glória¹⁵⁴.

foram feitas tais inserções corruptas com sentimentos trinitários cujos originais estavam isentos¹⁵⁵.

As notas originais testificam tais duvidas¹⁵⁶ com a descoberta de Newton:

...Talvez em São Jerônimo¹⁵⁷ tenha sido o primeiro lugar em que se lê sem grande controvérsia o mistério da piedade: *Deus foi manifestado na carne...*

Então surge na versão ortodoxa 1 Tm 3, 16. A palavra *Deus* é obviamente crítica com a utilidade do versículo para apoiar o *trinitarismo*. Newton acredita que a versão primitiva não contém a palavra, mas pode ser lido simplesmente *grande é o mistério da piedade o qual foi manifestado na carne*. Notou que tais posições não foram citadas nos séculos IV e.c. e V e.c. contra os *arianos* e que as corrupções das escrituras vieram relativamente tarde, para dar suporte a corrupção da doutrina ocorrida no séc. IV e.c. quando o triunfo de Atanásio sobre Arios impôs a falsa doutrina da *trindade*. Newton denomina os *atanasianos* de *homousianos*¹⁵⁸. Seu horror especial da perversão que havia triunfado no séc. IV e.c. foi a reversão da cristandade em direção a idolatria, após a Igreja primitiva ter estabelecido a adoração em um único D'us. Ele escreveu por volta de 1670:

*Se não existir transubstanciação, nunca existiu uma idolatria pagã tão ruim quanto os romanos, até mesmo os jesuítas às vezes confessam*¹⁵⁹.

Newton considerou que o Papa mantido em Roma ajudou e instigou Atanásio e que a idolatria da Igreja Romana era um produto direto de Atanásio, a *corrupção da doutrina*.

¹⁵² FORCE, JAMES E. Newton's God of dominion: the unity of Newton's theological, scientific, and political thought. *Essays on the context, nature, and influence of Isaac Newton's theology*, p. 75. Netherlands: Springer, 1990.

¹⁵³ BJ, 1Jo 5, 7, p.1597, 1981. Nas notas de rodapé há uma explicação que confirma a afirmação newtoniana da inserção: O texto dos vv. 7-8 está acrescido na vulgata de um inciso ausente nos documentos gregos, nas antigas versões e nos melhores exemplares da Vulgata e que parece ser uma glosa marginal introduzida posteriormente no texto: *Porque há três que testemunham (no céu, o Pai e o Verbo e o Espírito Santo, e esses três são um só; e há três que testemunham na terra): o Espírito, a água e o sangue, esses três são um só*.

¹⁵⁴ BJ, 1Tm 3, 16, p.1547, 1981. Nas notas de rodapé há uma explicação: Várias testemunhas (Vulgata) contém o neutro (Ele); o sujeito dos verbos seguintes seria então o mistério. O que segue depois de uma solene introdução, é um *fragmento de um hino ou uma profissão de fé litúrgica, que comporta seis breves proposições agrupadas duas a duas*.

¹⁵⁵ WESTFALL, chap 8, p.313, 1996

¹⁵⁶ ILIFFE, ROBERT. *The Newton Project*. Catalogue Record: Yahuda Ms. 14, National Library of Israel, Jerusalem, Israel THEM00261, 2007 in: <http://www.newtonproject.sussex.ac.uk/catalogue/record/THEM00261>

¹⁵⁷ O autor da *Vulgata*.

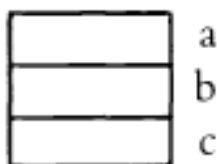
¹⁵⁸ Derivado de *homousios*, consubstancial.

¹⁵⁹ WESTFALL, chap 8, p.315, 1996.

Finalmente ficou convencido que a *corrupção universal* da cristandade estava centrada na *corrupção da doutrina*. A concentração do poder eclesiástico nas mãos de uma hierarquia sacerdotal tinha substituído o governo da Igreja primitiva¹⁶⁰. A sua consideração de que o *monaquismo* era uma instituição perversa surgiu da mesma fonte, e a que me parece mais provável é o próprio documento escrito por Atanásio, *Vita S. Antoni*¹⁶¹. Atanasio tinha patrocinado Santo Antão, e os *homousianos* tinham introduzido os monges na governança eclesiástica; no séc. IV o *trinitarismo* derrubou todos os elementos da cristandade. É interessante o fato dele não comentar, *porque obviamente acreditava*, que a Reforma Protestante *não tinha sido contaminada pelo que ele denominava infecção*. Nos idos de 1670, na Universidade de Cambridge essa era uma posição realmente forte.

Nesse contexto segundo Westfall¹⁶² bem antes de 1675, Newton se tinha tornado um *ariano* no senso estrito da palavra. Sumarizou a natureza de *Jesus Cristo* em sua *crisologia ariana* em doze itens (ou seriam *axiomas*) que estão datados do período de 1672-1675¹⁶³. Chama a atenção nesse sumário o comentário que Newton faz sobre a opinião de Lactância (240 e.c.-320 e.c.)¹⁶⁴ das relações de *Jesus Cristo* com D'us, o *Pai*:

1. Que dizer que há dois Deuses, os suporia colaterais e univocos.
2. Isso, como em uma família vosso *título de Mestre deve ser entendido* como Senhor Supremo, exceto quando por alguma circunstância é limitada ao vosso filho ou outro mestre subordinado soe vosso título de Deus, *é para ser entendido de vós como o supremo Deus, a menos que, quando for limitado a vosso filho ou o espírito santo*¹⁶⁵.
3. Que dizer que há um só Deus, vos pai de todas as coisas, não excluindo o filho e o espírito santo de sua divindade, porque elas são *virtualmente contidas* e implícitas no pai.
4. Aplicar o nome de Deus a vosso Filho ou o espírito santo, como pessoas distintas do pai, faz deles não deuses diferentes do Pai, porque a divindade do Filho e do Espírito Santo é derivada do seu pai. Para esclarecer melhor isto, vamos supor que existem 3 corpos *a, b, c* tendo gravidade originalmente em si mesmo, fazendo uma coerção sobre *b* e *c* cuja gravidade original está ausente, mas ainda, vós pressionando *a* faz transmitir uma força para baixo tanto quanto seria Um.



Em seguida, haverá uma força de *a*, força em *b*, força em *c*, ainda não sejam três poderes, mas um poder que está originalmente em um e por comunicação / *descendente* em *b* e *c* soara a vossa divindade Pai, a

¹⁶⁰ Idem

¹⁶¹ SANTO ATANÁSIO. *Vida e conduta de S. Antão*. Coleção Patrística, vol 18, 3ª reimpressão. São Paulo: Paulus, 2015.

¹⁶² WESTFALL, chap 8, p.315, 1996.

¹⁶³ ILIFFE, ROBERT. *The Newton Project*. Catalogue Record: Yahuda Ms. 14, p. 25r. National Library of Israel, Jerusalem, Israel THEM00057 in <http://www.newtonproject.sussex.ac.uk/view/texts/normalized/THEM00057>.

¹⁶⁴ *Lucius Caelius Firmianus Lactantius* se tornou um conselheiro de Constantino, guiando sua política religiosa que começava a se desenvolver e sendo o tutor de seu filho primogênito.

¹⁶⁵ Note como ele caracteriza com letras minúsculas as palavras Filho e o Espírito Santo.

divindade de vosso Filho e divindade do vosso espírito santo e não haverá três divindades, mas uma divindade a qual está originalmente em vós pai e por *descendência* ou comunicação em vosso filho e espírito santo. E como afirmar que há mais de um poder, não privando vosso corpo *b* e *c* do corpo *a* de onde provem a força da qual eles derivam, por assim dizer, um único deus, o pai de todas as coisas, Eu não despojo vosso filho e espírito santo da divindade da qual eles derivam de vós pai e *c*.

Uma aquisição incidental por Newton, que veio com seu arianismo, foi sua concepção particular de D'us. Para Ario, a necessidade de um mediador entre D'us e o homem, um mediador diferente em essência originário a partir da natureza inefável de D'us, o Senhor absoluto da criação, que estava muito distante de suas criaturas para se aproximar delas. Em sua leitura sobre teólogos platônicos do terceiro século, delineados por Arius, Newton reuniu tais exposições de D'us. Clemente de Alexandria afirma que D'us, *não divisível, nem disjunto, nem se move de um lugar para outro, nem em forma circunscrita, mas existe em todos os lugares sempre, toda a mente, toda a paternal luz, todo olhos, vendo tudo, ouvindo tudo, sabendo tudo, examinando os poderes por seu poder.* Iniciados consideram D'us como *imenso, sem limite, não estando encerrado em lugar nenhum, mas encerra todo lugar, não um que está fechado em um lugar, mas um que encerra cada lugar, não alguém que está em um lugar, mas quem está em todo lugar, contendo tudo e compactando o conjunto em conformidade, não se elevando nem abaixando, já que ele próprio contém tudo.* Nessa concepção, possivelmente ele foi influenciado pelos platonistas de Cambridge. No conjunto, o comportamento de Newton à partir de 1670 tem como fundo o seu *arianismo*, se identificando intelectualmente e emocionalmente¹⁶⁶.

Considerando Atanásio seu inimigo pessoal, Newton deixa passar que o verdadeiro perseguidor de Ario não foi Atanásio, mas sim o bispo de Alexandria, não somente por questões doutrinárias, mas por questões pessoais, políticas e econômicas, tendo influenciado o Papa Silvestre no combate contra Ario e sua opinião foi compartilhada por Eustáquio, bispo sucessor de Filógeno em Antioquia e adepto das ideias de Alexandre. É Eustáqui quem na verdade levantou a questão sobre a condenação de Ario no *Sínodo de 324 em Antioquia* como foi visto no parágrafo anterior.

Seu padrão de comportamento em completo desacordo com o ocorrido no séc. IV parecem tomar completamente sua mente, que mesmo querendo evitar controvérsias, suas ideias transparecem em sua *Óptica*¹⁶⁷ e que para o leitor surgem questões sobre o motivo que o levou a escrever dessa forma:

Considerando todas essas coisas parece-me provável que no princípio Deus formou a matéria em partículas sólidas, maciças, duras, impenetráveis, móveis, de tais tamanhos e formas e com tais outras propriedades, e em tal proporção ao espaço, como as que conduziriam mais ao fim para o qual Ele as formou....pois nenhum poder ordinário é capaz de dividir o que o próprio Deus fez uno na primeira criação....Ora, graças a esse princípios todas as coisa materiais parecem ter sido compostas das partículas duras e sólidas mencionadas....Pois convinha a Ele, que as criou, ordená-las. E se Ele o fez, não é filosófico procurar qualquer outra origem do mundo, ou pretender que ele pudesse originar-se de um caos pelas meras leis da natureza...E todavia não podemos considerar o mundo como o corpo de Deus, ou várias partes dele como as partes de Deus. Ele é um Ser uniforme, destituído de órgãos, membros ou partes e elas são suas criaturas subordinadas a Ele e subser-vientes a Sua vontade....

¹⁶⁶ WESTFALL, chap 8, p.318, 1996.

¹⁶⁷ NEWTON, *Óptica*, Livro III, Parte I, p.290-292, 1996.

Um dos aspectos de seu credo ariano, o de que somente o Pai tem conhecimento antecipado dos acontecimentos futuros, indicou uma outra dimensão dos estudos teológicos iniciais de Newton, o da *interpretação das profecias*. Esse seu interesse teve como resultado final as *Observações sobre as Profecias*, um resultado como se sabe hoje, não ser um produto de sua velhice, mas de um longo programa de estudos bíblicos considerando a Escritura Sagrada como uma *profecia da história humana* e não a revelação de verdade que transcendessem a razão humana sobre a vida eterna¹⁶⁸.

Especificamente por trás de sua atitude, há uma condenação mais ampla que envolve a Universidade de Cambridge da Restauração, que representava um exemplo de cobiça e ambição dentro da Igreja Luterana. Isso de alguma maneira leva Newton a se afastar do conjunto de candidatos aspirantes a ordenação como clérigo e acaba abraçando o *arianismo* como uma forma de desprezo e rebeldia para com o credo e contra os clérigos. Ele realmente julgava que a *ortodoxia teológica* apresentava ensinamentos contrários a razão; estando convencido de que a Ciência se harmonizava com a Religião; mas o D'us cuja existência era demonstrada por Sua obra na criação contudo não era necessariamente idêntico ao D'us do cristianismo aceito. Então considerando a afirmação do sétimo item de seu *credo* de que *o Filho reconhece a presciência original de todas as coisas futuras para estar em seu pai unicamente*, Newton avança mais um degrau em seus estudos teológicos, incorporando a interpretação das *Profecias*¹⁶⁹ do AT e do NT como um apelo ao *curso divinamente ordenado da história humana*.

4. O ESCRITO TEOLÓGICO DE NEWTON

Como foi afirmado acima, nenhum dos escritos primários de Newton foram publicados durante o tempo em que ele viveu. A primeira e única publicação de seus escritos sobre Fé e Teologia foi seu tratado *Observations upon the Prophecies of Daniel and the Apocalypse of St. John*¹⁷⁰, editado por Benjamim Smith em 1773, a qual será objeto de atenção. Na verdade, os detalhes das interpretações do *Livro de Daniel* e do *Apocalipse* não representam um grande interesse, mas é o seu método e propósitos que são mais interessantes, embora seja uma obra de um tédio incomum. Na verdade, o *arianismo*, ou talvez a sua oposição vitoriosa, o *trinitarianismo* forneceu a chave para a interpretações de Newton, principalmente devido a influência dos teólogos protestantes ingleses, nos escritos de Joseph Mede (1586 - 1639)¹⁷¹ e Henry More (1614 - 1687), cuja contribuição para a compreensão das *Profecias* ele dá crédito:

Foi o Sr. Mede, judiciosamente erudito e escrupuloso, quem primeiro abriu o caminho para essas interpretações, e segui-lo na maior parte delas¹⁷².

Ele acredita que a existência de mais de um gênero literário claro e conciso, usado pelo *hagiógrafo* é na verdade *um* método que é desenvolvido a partir da premissa de que existe uma única e clara *linguagem mística* (ou seja, uso de metáforas, hipérboles, etc) *especial*¹⁷³, conhe-

¹⁶⁸ WESTFALL, chap 8, p.319, 1996.

¹⁶⁹ Profecia (do latim *prophetia*, e este do grego *propheteia*) é *dom* de interpretar a vontade de D'us. Existem diferenças entre os termos *profecia* e *predição*. A primeira trataria de um *dom sobrenatural*, quer dizer, *seria inspirada por D'us* (se situa as profecias maiormente no âmbito da fé); a segunda se trata de anunciar por revelação, ciência ou conjectura de algo tem a probabilidade de ocorrer.

¹⁷⁰ NEWTON, ISAAC. *As Profecias do Apocalipse e o livro de Daniel*. Tradução Carlos L. Salum e Ana Lucia da Rocha Franco. São Paulo: Editora Pensamento, 2008.

¹⁷¹ MEDE, JOSEPH. *A Key to the Apocalypse, Discovered and Demonstarated from the Internal and Inserted Characters of the Visions*. Printed by R.B. for Phil. Stephens, 1643.

¹⁷² COHEN e WESTFALL, Parte 8 Teologia, p.429, 2002.

¹⁷³ É possível notar esse mesmo estilo de linguagem nos *Principia*. Newton completa sua interpretação do *Apocalipse de São João* por volta de 1675; acreditava estar realizando um trabalho em nome de D'us, portanto a influência de estilo é bem clara e transparecem em suas demonstrações, como se contivessem segredos que somente uma pessoa iluminada por D'us teriam o direito e condições de desvendá-las, daí o padrão de estilo da Sagrada Escritura, in AMADO, A.T.F. *Elementos de Matemática*, cap.3, p.59. Santos: Editora Universitária Leopoldianum, 2005.

cida e utilizada por todos os profetas e que ele seria capaz de interpretar. Esse mesmo estilo, Newton se apropria e tenta imitar em todo o desenvolvimento dos *Principia*. Basta lembrar que Newton completou sua interpretação do *Apocalipse de São João* por volta de 1675; logo a influência de estilo pode certamente ter acontecido pois transparece por exemplo quando são analisadas suas demonstrações. Elas são como se contivessem segredos, que somente uma pessoa iluminada por D'us teriam o direito e condições de desvendá-las, daí os *Principia* apresentarem o padrão de estilo da Sagrada Escritura. Newton acreditava estar realizando um trabalho em nome de D'us:

Havendo buscado o conhecimento nas Escrituras profética, considerei-me no compromisso de comunicá-lo em benefício de outrem, recordando o julgamento daquele que ocultava o talento por falsa modéstia...E, portanto, quanto maior o tempo durante o qual elas houverem permanecido na obscuridade, mais esperança haverá de que esteja próximo o tempo em que deverão ser reveladas. Se elas nunca devem ser compreendidas, com que propósito as teria Deus revelado? Certamente ele o fez para edificação da Igreja; e, se é assim, é igualmente certo que a Igreja alcançará enfim sua compreensão. Não me refiro a todos os que se denominam cristãos, mas a um remanescente, a umas poucas pessoas dispersas a quem Deus escolheu, pessoas tais que, sem serem movidas pelo interesse, pela instrução ou pelas autoridades humanas, são capazes de se dedicar, sincera e diligentemente, à busca da verdade....¹⁷⁴

Em seu tratado sobre as *Profecias*, Newton faz um verdadeiro glossário antes de iniciar seu estudo, após repassar sua visão, do que ele denomina de *compiladores* dos livros do AT:

Para entender as profecias é necessário, antes de mais nada, estar familiarizado com a linguagem figurada dos profetas, extraída da analogia entre o mundo natural e um império ou reino, considerado como mundo político.

De acordo com isso, o mundo natural inteiro, que compreende céu e terra, representa todo o mundo político, que compreende tronos e povo, ou a parte dele que é considerada a profecia...Assim o céu e o que está nele contido representam os tronos e as dignidades ou aquele que as desfrutam, enquanto a Terra com suas coisas representa a massa popular, as partes inferiores da Terra, chamadas de Hades¹⁷⁵ ou Inferno, representam as camadas mais baixas e miseráveis. Então, subir ao céu ou descer à Terra significa elevação ou queda do poder e das honras.... Para os intérpretes de sonhos, o Sol e a Lua representam reis e rainhas. Mas as profecias sacras, que não tratam de indivíduos, o Sol representa os reis em geral...¹⁷⁶.

Ele segue um programa comparativo da Escritura Sagrada, onde a significação da mesma frase profética encontra concordância com as significações necessárias, evitando segundo sua interpretação, a *fantasia luxuriante* para os significados que não podem ser verdadeiros. O grande princípio norteador é uma analogia entre o reino da Natureza (daí a simbologia das imagens desenhadas pelos profetas) a política e a esfera eclesiástica (da qual eles realmente falam). Então por exemplo: o *Sol representa um rei ou reis em geral nos reinos do mundo político*, ou a *Lua simboliza o povo, tomado em seu conjunto*, considerada como a esposa do rei, *escurecimento da luminares celestes para a queda de um corpo político*, etc. Como é bem conhecido, o modo de pensar *apocalíptico* empregou diversos gêneros literários para se manifestar, dentre os quais, o

¹⁷⁴ Introdução publicada completamente in Manuel, Frank E. *The Religion of Isaac Newton*, pp. 107-116. Oxford: Oxford University Press, 1974. Tradução da *Introdução* pode ser encontrada in COHEN e WESTFALL, Parte 8 Teologia, p.423, 2002.

¹⁷⁵ O *deus* do mundo inferior e dos mortos.

¹⁷⁶ NEWTON, *As Profecias*, cap.2, p.27, 2008.

que melhor o expressa é o *gênero literário apocalíptico*. Nele através de um intermediário D'us revela a realidade transcendente que dá os critérios para se avaliar corretamente os fatos.

Newton em qualquer novo estudo organiza metodicamente seus conhecimentos e reclama dos interpretes bíblicos que não tinham *nenhum método prévio dessa ordem sobre o Apocalipse*, os quais distorciam as partes da *profecia, desvirtuando-as de sua ordem natural a seu bel prazer*. Em vez de uma *fantasia pessoal queria ter certeza de que a Escritura Sagrada poderia ser uma clara norma de fé*. Mostra ao longo das páginas o seu *método*, que seria a *chave* de sua abordagem, iniciado com *normas de interpretação*, que já eram bem conhecidas e desenvolvidas pela tradição, depois forneceria um código da *linguagem profética*, que eliminaria a liberdade de distorção dos trechos. Em terceiro comparou as partes do *Apocalipse* entre si e as classificou por ordem, baseando sua *teoria histórica* nas evidencias internas impressas pelo Espírito Santo na Escritura Sagrada e através das características sobre os *eventos históricos* nos livros¹⁷⁷. Uma breve versão resulta no primeiro capítulo das *Observações Sobre as Profecias de Daniel*, comentando sobre *Os Compiladores dos livros do Velho Testamento*:

*Quando Manasses instalou uma imagem esculpida na casa do Senhor e nos dois pátios construiu altares dedicados a todos os hospedes do céu, quando, praticando encantamentos e feitiçaria, usou espíritos familiares e, por sua maldade, foi invadido pelo exército de Asserhadon rei da Assíria, que o levou cativo para a Babilônia, o livro da Lei foi perdido e assim permaneceu até o ano décimo oitavo do reinado do seu neto Josias...*¹⁷⁸.

Newton baseou sua teoria histórica do desenvolvimento do texto bíblico sobre evidências nas escrituras e nos eventos históricos mencionados nos livros. Uma breve mostra desse fato aparece na Parte 1 das *Profecias*¹⁷⁹. Depois de descrever alguns dos detalhes da narrativa bíblica, Newton escreve a respeito de uma passagem do Gênesis:

A árvore dos reis de Edom¹⁸⁰, antes que qualquer rei tivesse reinado sobre Israel, é apresentado no Gênesis. Assim, esse livro não foi escrito antes do reinado de Saul, na forma que tem agora. O autor registrou a genealogia desses reis até a sua época, portanto, escreveu antes de David conquistar Edom..... Como eram livros públicos, não devem ter sido escritos sem a autorização de Moisés e Josué. E, no reinado de Saul, Samuel teve a oportunidade de os pôr na forma que agora tem os livros de Moises e Josué, enxertando no Gênesis a genealogia dos reis de Edom, até que aí reinasse o rei de Israel¹⁸¹.

O Pentateuco é chamado *Livros de Moisés*. Mas, segundo Newton, a parte histórica do povo de D'us foi elaborada a partir de vários livros anteriores. Estes foram, de acordo com sua interpretação, uma *história da Criação composta por Moisés* (Gn 11, 24), *um livro das gerações após Adão* (Gn 5, 1), e *um livro das guerras do Senhor* (Nm 21, 4), cada um dos quais é mencionado no presente texto. Ele descreve um conjunto de livros, como por exemplo, o *Livro dos Reis*, *Atos de Salomão*, o *Livro das Crônicas dos Reis de Israel* e das *Crônicas e dos Reis de Judá*, que citam outros autores, como sendo escritos históricos dos antigos videntes e profetas; e como os livros dos *Reis* e da *Crônicas* citam-se uns aos outros, Newton *conclui que* devem ter sido

¹⁷⁷ WESTFALL, chap 8, p.323, 1996

¹⁷⁸ NEWTON, *As Profecias*, Parte Um, cap.1, p.19, 2008.

¹⁷⁹ Usando aqui para identificação a tradução em língua portuguesa e não o tradicional do título em língua inglesa: *Observations*.

¹⁸⁰ Edom (hebraico moderno: Edom, tiberiano: Edom, *vermelho*; assírio: Udumi; grego: Idoumaia; latim: Idumæa ou Idumea) um reino ao sul da Jordânia no primeiro milênio a. C na Idade do Ferro. A região tem muito arenito avermelhado, que pode ter dado origem ao nome Edom mas também vindo do povo da linhagem de Esaú que era um *homem ruivo* por isso, a origem dos *edomitas*. A maior parte da informação que se tem sobre esse povo provem da Bíblia e da Arqueologia Bíblica.

¹⁸¹ NEWTON, *As Profecias*, Parte Um, cap.1, p.21, 2008

escritos na mesma época. Em sua análise o *Livro de Esdras* era originalmente uma parte do *Livro das Crônicas*, sendo depois separado dele, tanto que começa com os dois últimos versos do *Livro das Crônicas*. Concluiu que foi Esdras o *compilador* dos livros dos Reis e das *Crônicas*. Considera Esdras um *escriba* conhecedor da Lei de D'us e que *Neemias* o ajudou nesse trabalho e, dessa forma *fundaram uma biblioteca que reuniu os livros referentes aos reis e os profetas, os escritos de David e as cartas dos reis sobre as oferendas*¹⁸².

Em sua descrição, as *profecias de Isaias foram escritas em momentos diversos* que ele (Esdras) reuniu num único corpo, como o fez com as de *Jeremias e dos outros profetas, até a época do Segundo Templo*. O *Livro de Daniel*, o qual é de todos o mais importante na interpretação de Newton da Escritura Sagrada, é *uma coleção de escritos de épocas diversas, onde os seis últimos capítulos contêm as profecias escritas pelo próprio Daniel em diferentes ocasiões, sendo que os seis primeiros, uma coleção de escritos de outros autores*¹⁸³. Newton supõe que os *Salmos compostos por Moises, David e outros* foram reunidos por Esdras num só volume; acreditando que tenha sido ele quem os colecionou, porque a coleção contém alguns que são da época do *cativeiro da Babilônia*¹⁸⁴ e nenhum posterior. Descrevendo o *ritual das leituras*, esclarece que foi feita uma divisão dos livros sagrados, a *Lei*, os *Profetas* e a *Hagiógrafia*, o *Ketuvim*, a terceira e última seção do *Tanakh* (a Bíblia Hebraica), depois do *Torah* e do *Nevi'im* (Antigos Profetas e Últimos Profetas). Em geral, Newton ofereceu mais ou menos a mesma imagem que Baruch Spinoza (1632-1677) e o padre Richard Simon (1638- 1712)¹⁸⁵ tinham oferecido sobre como o presente texto foi montado. Para Spinoza, a imagem confusa era uma razão básica para duvidar que o AT era nada mais do que uma coleção de escritos antigos hebreus. Tanto para Simon como para Newton, o fato de haver vários autores, mesmo dos Livros de Moisés, não diminuiu a natureza reveladora do texto. No entanto, Newton ao final de sua divisão dos livros sagrados, ocorrido durante o *cativeiro romano*, faz a afirmação:

Cristo e os seus apóstolos apoiaram a religião na Lei e nos Profetas (Mt 7, 12-22; Lc 16, 16; 24, 44; At 24, 14; 26, 22; Rm 3, 21).

E como não poderia deixar de ser, faz um comentário final com um tom crítico ao *trinitarismo*, afirmando que *a leitura dos livros da Lei e dos Profetas nas sinagogas os preservou da corrupção, mais que no caso da Hagiógrafa*. Mais adiante na parte final de *Os Compiladores* ele conclui sua crítica:

...também entre os cristãos a mesma fraqueza ocorreria logo depois do tempo dos apóstolos; e que nos últimos dias, Deus destruiria os revoltosos e impertinentes, fazendo uma nova aliança com seu povo. Dar ouvidos aos profetas é uma característica da verdadeira Igreja....A autoridade dos imperadores, reis e príncipes é humana; a autoridade dos concílios, sínodos, bispos e presbíteros é humana. Mas a autoridade dos profetas é divina e compreende toda a religião...e se um anjo do céu pregar um outro evangelho, que não seja o que foi dado, que seja anátema.

Em relação ao Antigo Testamento, Newton nunca alegou que qualquer dos textos existentes tivesse sido deliberadamente falsificado. Mas, como adepto do *arianismo*, convencido de que a *doutrina da Trindade* não estava expressa no verdadeiro texto revelado, ele teve que

¹⁸² NEWTON, *As Profecias*, Parte Um, cap.1, p.23, 2008

¹⁸³ NEWTON, *As Profecias*, Parte Um, cap.1, p.24, 2008

¹⁸⁴ Terminologia usada para designar o exílio dos judeus do antigo Reino de Judá para a Babilônia por Nabucodonosor II. Este período histórico foi marcado pela atividade dos profetas do Antigo Testamento, Jeremias, Ezequiel e Daniel. A primeira deportação teve início em 587 a.C, terminado no primeiro ano de reinado de Ciro II (538 a.C - 537 a.C.) após a conquista persa da cidade de Babilônia (538 a.C.)

¹⁸⁵ Exegeta, filósofo, historiador e crítico francês, considerado o iniciador da crítica bíblica em língua francesa. Publicou em 1680 a *Histoire critique du vieux testament* publicado pela Compagnie des Libraires, 1967. Simon ofereceu um programa para reconstruir o o texto corretamente exigiria uma quantidade infinita de pesquisa.

sustentar que as linhas do Evangelho de João e a Carta à Timóteo, que parecem indicar uma posição trinitária, foram tentativas deliberadamente forjadas para enganar os fiéis. No cap.2 da Parte 1 de sua *Profecias*¹⁸⁶ ele oferece seu glossário para a preparação do leitor sobre a linguagem profética, e bem ao seu estilo oferece a continuação de sua crítica velada:

Ver quer dizer compreender. Os olhos representam homens de compreensão política e, em questões religiosas, representam bispos (episkopoi). Falar significa fazer leis e, assim, a boca indica aquele de onde provém a Lei sagrada ou profana....a propagação de uma religião visando ganhos é expressa pelo exercício de tráfico e comércio com o povo que tem tal religião; a adoração de falsos deuses de uma nação, pela prática de adultério com os seus príncipes ou pela falta de adoração; o conselho de um reino pela imagem do mesmo; a idolatria pela blasfêmia; a derrubada pela guerra ou pela ferida feita pelo homem ou por animal; o flagelo duradouro da guerra por uma chaga ou tormento....

É importante considerar que as autoridades da Igreja nos primeiros tempos do cristianismo, não tinham a preocupação de relacionar os quadros do *Apocalipse* com episódios e personalidades, portanto com a seriedade questionada. Em oposição a este ponto de vista, Newton afirmou que *Revelação* foi a obra mais antiga do NT, tendo sido escrito antes da destruição do Templo em Jerusalém em 70 e.c. e a expulsão dos judeus da cidade de Jerusalém¹⁸⁷. Por isso, a argumentação de Newton¹⁸⁸, de que a *Revelação* havia sido escrita nos tempos de Nero quando João refugiou-se na Síria vindo da Judéia e segundo a opinião dos primeiros comentaristas concorda a tradição das Igrejas da Síria, só depois escreveu o seu Evangelho, já no tempo de Domiciano. Newton aproveita no mesmo relato para negar uma lenda descrita por Eusébio de Cesaréia¹⁸⁹, considerando que o fato narrado na história não poderia ter ocorrido, pois na época o apóstolo João contava mais de 90 anos e tão enfermo que ia carregado para a igreja. Esses fatos, considera Newton, são confirmados pelo próprio estilo do *Apocalipse*, mais cheio de hebraísmos do que os Evangelhos¹⁹⁰:

De tudo isso, depreende-se que o mesmo foi escrito logo que João deixou a Judéia, onde estava acostumado à língua siríaca, e que só escreveu o Evangelho depois que uma longa convivência com os gregos asiáticos o fez abandonar a maior parte dos hebraísmos.

Na continuação de seu relato sobre a época em que foi escrito o *Apocalipse*¹⁹¹, apresenta uma justificativa muito plausível para a existência dos vários e falsos *Apocalipses* como os de Pedro, Paulo, Tomé, etc além dos muitos falsos Evangelhos, Atos e Epístolas, escritos após as obras verdadeiras escritas um pouco antes. Se alguém aceitar a retificação de Newton, então pode ser formulada uma pergunta: o livro do *Apocalipse* é verdadeiro? Para Newton a resposta é sim. E sua resposta vem ao longo do texto, considerando que não seria preciso falar muito sobre a sua autenticidade, já que estava em voga nos primeiros tempos que muitos tentaram imitá-lo, forjando apocalipses sob o nome dos apóstolos. Ele considera, conforme considera demonstrado, que os próprios apóstolos o estudavam e citavam suas frases; isso explicaria o porquê do estilo da Epístola aos Hebreus é mais místico do que o de outras Epístolas de Paulo e do Evangelho de João, mais figurado

¹⁸⁶ NEWTON, *As Profecias*, Parte 1, cap.2, p.27, 2008

¹⁸⁷ Quanto a data de composição é admitida que tenha ocorrido durante o reinado de Domiciano, no ano 95 e.c.; outros creem (e aqui a concordância com Newton) que existe uma grande probabilidade de algumas partes terem sido escritas durante o tempo de Nero um pouco antes do ano 70 e.c in BJ, *Apocalipse*, p.1605, 1981.

¹⁸⁸ NEWTON, *As Profecias*, Parte Dois, cap.1, p.172, 2008

¹⁸⁹ EUSÉBIO, Livro III, § 23, p. 140, 2000.

¹⁹⁰ NEWTON, *As Profecias*, Parte Dois, cap.1, p.173, 2008. Mais adiante Newton repete novamente sua afirmação, fornecendo outros argumentos bibliográficos, talvez para dar credibilidade a sua opinião, um hábito de comportamento não muito comum no autor dos *Princípios*.

¹⁹¹ NEWTON, *As Profecias*, Parte Dois, cap.1, p.171, 2008

e majestático do que os outros evangelhos. Em continuação para confirmar seus argumentos e garantir a profundidade de seu estudo, ele afirma:

Percebo que que Cristo nunca foi chamado de verbo de Deus em nenhum livro do Novo Testamento escrito antes do apocalipse. Por isso sou da opinião de que a expressão foi tomada dessa profecia, assim como tantas outras expressões desse Evangelho, que se refere a Cristo como a luz que ilumina o mundo, o Cordeiro de Deus....

Apresenta em continuação mais justificativas com o intuito de derrubar a opinião afirmada acima de que as autoridades da Igreja nos primeiros tempos não tinham a preocupação de relacionar os quadros do *Apocalipse*¹⁹²:

Isso deve bastar para mostrar como o Apocalipse era aceito e estudado naqueles primeiros tempos. Na verdade, não encontro outro livro do Novo Testamento que logo de início tenha sido tão fartamente atestado ou comentado quanto esse.... Isso animou os cristãos a estudá-lo, até que as dificuldades os fizeram esmorecer e comentar de preferência os outros livros do Novo Testamento.

Newton acrescenta que de acordo com Dn 10,21 e 12,4-9¹⁹³, Daniel teve ordem para calar a boca e selar a profecia final até o fim dos tempos:

Essa profecia é chamada a Revelação, com referência ao Livro da Verdade, que Daniel teve ordem de lacrar até o tempo do Fim. Assim, Daniel a selou até o tempo do Fim e, até que chegue esse, o Cordeiro rompe os selos: e as duas testemunhas profetizam a partir dela por muito tempo, vestidas de saco, antes de subirem ao céu numa nuvem. Tudo isso parece dizer que as profecias de Daniel e de João não seriam entendidas antes do tempo do Fim.

Conclui que *faz parte dessa profecia não ser entendida antes dos últimos tempos do mundo*, considera com isso a existência de maior credibilidade. No entanto ele argumenta mais uma vez com sua crítica velada ao *catolicismo romano*:

A insensatez dos interpretes tem sido predizer tempos e coisas por essa profecia, como se Deus os tivesse feito profetas. Por essa precipitação, não só se expuseram, mas atraíram o desprezo para o profeta. O desígnio de Deus era muito diferente.

Newton acreditava no conceito de *revelação divina*, como em tantas outras situações, porém esse conceito, tinha a seu ver um novo sentido. Para ele a Escritura Sagrada não era a revelação dos *mistérios* que ultrapassavam a razão e penetravam na vida eterna. A *profecia* era o elemento central da *revelação*, cujo cumprimento D'us demonstrava sua dominação sobre a história. Ele acreditava que a *profecia* ocorria para satisfazer a curiosidade humana e a sua necessidade para saber antecipadamente o *porvir*; dessa forma todo esse conhecimento o *levava a pensar, tendo feito algo útil aos escritores do futuro* cumprindo um propósito. Ele acreditava certamente ser um *instrumento divino*.

Ao iniciar sua análise sobre as *profecias de João e de Daniel*¹⁹⁴ percebe-se uma tensão interna maior do que na primeira parte além da influência *ariana* em sua interpretação teológica, a qual ele acredita oferecer uma declaração alternativa recheada de ódio apaixonado contra o catolicismo uma vez que o *Apocalipse de João* apresentaria sob forma de símbolos, uma visão

¹⁹² NEWTON, *As Profecias*, Parte Dois, cap.1, p.179, 2008

¹⁹³ BJ, Dn 10, 21, p.1194, 1981: *Ninguém me presta auxílio para estas coisas senão Miguel, vosso Príncipe* e BJ, Dn 21, p.1194, 1981: 4] *Quanto a ti Daniel, guarda em segredo estas palavras e mantém lacrado o livro até o tempo do fim* 9] *Vai, Daniel, pois estas palavras estão fechadas e reservadas até o tempo do Fim.*

¹⁹⁴ NEWTON, *As Profecias*, Parte Dois, cap.3, p.195, 2008

completa de toda a história do Cristianismo, descrevendo sucessivamente os principais episódios de cada época e do fim do mundo. Ele considera que *as duas primeiras bestas da profecia de Daniel* como sendo Império Medo-Persa, o Império Grego é representado pelo *leopardo e o bode* e a *besta de dez chifres* o Império Latino (o Império Romano). A *terceira e quarta besta de Daniel*, ele considera equivalente ao *dragão e à Besta dos Dez Chifres de João*, com uma diferença, em João o *dragão* representava o Império Romano estruturado quando a profecia foi escrita. A *besta* não é considerada até que o Império seja dividido. Então, o *dragão* passa a representar o *Império dos Gregos* e a *besta* o *Império dos Latinos*. Então ele escreve sobre as questões da Igreja¹⁹⁵:

As questões da Igreja começam a ser consideradas quando é aberto o quinto selo, como já foi dito. Ai, ela é representada por uma mulher (Ap 12, 1) vestida com o sol da retidão e conforme as cerimônias judaicas¹⁹⁶ tendo a lua sob seus pés e sobre a cabeça uma coroa de doze estrelas, símbolo dos doze apóstolos e das doze tribos de Israel¹⁹⁷. Quando (Ap 12, 6-7) a mulher fugiu para o deserto, deixou no Templo o resto dos seus descendentes, os que observam os mandamentos de Deus e mantem o testemunho de Jesus¹⁹⁸.

Assim, antes de fugir, ela representava a primitiva e verdadeira Igreja de Deus, mas depois degenerou como Oola e OOliba (Ez 23, 4)¹⁹⁹.....

Nessa interpretação o Império Romano passa a representar o Império Grego e o Império Latino, a *mulher fugiu para o deserto* (Ap 12, 6), o *espiritualmente estéril Império Latino*. A *mulher que dera à luz a um filho varão* é perseguida pelo *dragão* e ganha *asas da grande águia*, símbolo do Império Romano, para voar do primeiro Templo ao deserto da Arábia, o lugar místico chamado *Babilônia*. A *mulher chega ao lugar de seu predomínio*, temporal e espiritual, *montada na besta* e citando Ap 12, 4, é alimentada por um tempo, tempos e metade de um tempo. Ele explica nessa profecia os dias representam anos e que *ela* é alimentada pelos mercadores da terra durante *três tempos e meio* ou *três anos e meio*, ou seja, durante 42 meses.

A propósito, a história da Igreja também pode ser simbolizada pelos números 3 ½ anos, 42 meses ou 1260 dias²⁰⁰; sendo 3 ½ a metade de 7 que é símbolo da plenitude (Gn 2, 3: *D'us abençoou o 7º dia e santificou-o porque nele cessou toda Sua obra*), o hagiógrafo recorreu a esse número tencionando significar que a Igreja tem duas faces: a do viajante sôfrego (3 1/2) e a presença dos bens definitivos (1000). Essa interpretação era de conhecimento de Newton.

Newton, então novamente compara os dois textos e considera as *características da mulher* com o *pequeno chifre da besta*, o *undécimo chifre da quarta besta* do Livro de Daniel:

Diz Daniel²⁰¹: enquanto eu considerava esses chifres, notei que surgiu entre eles ainda outro chifre pequeno, diante do qual foram arrancados três dos primeiros chifres pela raiz. E neste chifre havia olhos, como olhos humanos, e uma boca que proferia palavras arrogantes e cujo aspecto era maias majestoso que odos outros chifres...e este chifre movia a guerra aos santos e prevalecia sobre eles...

Ele explica que *quanto ao domínio temporal, ela (a mulher) foi um chifre da besta e quanto ao domínio espiritual, montou sobre ela (a besta) em forma de mulher, a sua Igreja e cometeu abominações com os dez reis*.

¹⁹⁵ NEWTON, As Profecias, Parte Dois, cap.3, p.197, 2008

¹⁹⁶ Grifo é de Newton.

¹⁹⁷ Idem.

¹⁹⁸ Grifo deste autor

¹⁹⁹ Idem

²⁰⁰ BJ, Ap 11, 2-9, p.1616 e Ap 12, 6-14, p.1617, 1981.

²⁰¹ BJ, Dn 7, 8, p.1194, 1981

Em continuação, partindo do Ap 13, 11; comenta sobre a *segunda besta que saiu da terra*, a Igreja do Império Grego, que *tinha dois chifres como um cordeiro*, representando a sua Igreja, embora falasse *como um dragão*, ou seja, de sua religião e tendo *saindo da terra* pertencendo ao reino por ela representado, o *falso profeta*, que operava *as maravilhas que lhe foi concedido realizar a serviço da besta*²⁰², enganando àqueles que recebiam seu sinal e *adoravam sua imagem*, a *imagem em honra da besta* e com isso *reunir um conjunto de homens como ela que diz respeito à religião*, assim homens cobiçosos, depositavam na riqueza e nas imagens de homens mortos, ou de outras coisas, a confiança que deveriam depositar em D'us, transformando-se em *idólatras*. Ela tinha assim o poder de²⁰³

...infundir espírito a imagem da besta, de modo que a imagem pudesse falar e fazer com que morressem todos os que não adorassem a imagem da besta. Faz também com que todos recebam uma marca na mão direita ou na frente; para que ninguém possa comprar ou vender se não tiver a marca ou o nome da besta ou o número do seu nome

Newton então finaliza que essa marca são *as três cruces*, do grego *lateinos*, ou seja, o número 666. Aqui essa numerologia (gematria) dos antigos, o autor do *Apocalipse* quer designar o perseguidor dos cristãos figurado por uma *besta*, informando que o nome desse homem tem o valor numérico igual a soma dos números (algarismos romanos) correspondentes a cada letra de um nome: V = 5, L = 50; C = 100; D = 500. Então para Newton a *besta* é o Papa, por trazer na *Tiara papal*, também chamada de *Tríplice Tiara* (em latim *Triregnum*) a inscrição (que não existe): VICARIVS TILH DEI. Mas o número 666 corresponde às letras da expressão *Cesar Nero*, o perseguidor cristão, escrita em caracteres hebraicos lidos da direita para a esquerda

N	V	R	N		R	S	Q	
50	6	200	50		200	60	100	= 600

Para Newton, o *trinitarismo da Igreja Católica* era a grande *apostasia* e o Papa seu líder, portanto como as questões da Igreja passam a ser consideradas com a *abertura do quinto selo* (os selos do Livro de Daniel), em seguimento a essa interpretação a *apostasia* era simbolizado pela *abertura do sétimo selo*.

Newton, portanto, acaba divergindo no terreno interpretativo e na aplicação das técnicas científicas para a compreensão da Bíblia além da interpretação histórica das *profecias*, tentando apresentar uma base melhor para a datação da literatura antiga. É claro que seu método foi substituído por técnicas arqueológicas e antropológicas. Aqueles que datam os eventos na Bíblia, e datando eventos em outras culturas por estes meios, já não apoiam, é claro, a conclusão de Newton de que o mundo bíblico é a parte mais antiga da história humana. Sua postura estava em franca hostilidade aos deístas²⁰⁴ sobre o cristianismo, embora seu conteúdo

²⁰² BJ, Ap 13, 14, p.1618, 1981.

²⁰³ BJ, Ap 13, 15, p.1618, 1981

²⁰⁴ O *deísmo* (do latim, *deus*) é uma posição filosófica naturalista com a crença na criação do Universo por uma *inteligência superior*, a qual pode até ser D'us, mas não necessariamente, pode ser através da razão, do livre pensamento e da experiência pessoal. É etimologicamente um cognato de *teísmo* (grego *theos*, deus), sendo que as duas palavras denotam a *crença na existência de um deus ou deuses* e, portanto, é a antítese do ateísmo. O *deísta* é alguém que aceita a existência de D'us, mas descarta a intervenção divina no mundo; a posição é de que D'us criou uma ordem natural, e seria irracional e, conseqüentemente, impossível para Ele quebrar a ordem da natureza criada por Ele mesmo. Tem, portanto, como autoridade o primado da razão. A origem desta cosmovisão se deu no contexto do *Iluminismo*, cujos pensadores tinham como alvo a religião, pois eles a consideravam algo que incorporava o erro e o preconceito tão abominados; em especial, *consideravam o cristianismo* e todas as outras religiões irracionais e inadequadas. Os *deístas* acabaram organizando sua própria denominação religiosa, surgindo em Londres em 1774 na Capela de Essex, a primeira *congregação unitária*, ou seja, *não-trinitária*. Em 1785, a King's Chapel, em Boston, antes anglicana, tornou-se a primeira *igreja unitária* dos

fosse semelhante às obras deles. O texto newtoniano pode ser visto como um dos primeiros tratados deístas, embora tenha permanecido desconhecido do público

O manuscrito sobre *As Profecias* continuou sendo importante para Newton, mas logo depois de redigi-los, ele se voltou para sua obra maior, os *Principia*, resolvendo iniciar a sua primeira versão com um trecho extraído de *As Profecias*, embora esse não tenha sobrevivido na obra publicada, mas tornou a recorrer a ele nas revisões do Livro III dos *Principia* por volta de 1690, mas que em outras revisões acabou por suprimir. No entanto eles aparecem derivados dessa fonte na *questão 31* da Óptica e no *Escolio Geral* dos *Principia*.

5. CONCLUSÃO

Todo este meu documento está baseado artigos publicados sobre a concepção religiosa de Isaac Newton, sem o benefício da leitura e acesso aos manuscritos sobre o assunto que fundamenta o presente artigo, no entanto a análise final desse estudo levanta algumas questões pertinentes e talvez impossíveis de evitar. É inquestionável a influência de sua religião em seu trabalho científico, um fato universalmente conhecido. O problema que se apresenta é referente a *sua teologia*, mais explicitamente traços desse *arianismo* presente na sua interpretação das *profecias*, tal como na Óptica e no *Escolio Geral* dos *Principia*. No entanto isso não afirma muita coisa explicitamente. Não existe nenhuma dúvida de que Isaac Newton via a Sagrada Escritura como a *palavra de D'us*, mas tinha quase que certeza de que o significado para os cristãos primitivos era diferente. Talvez a Teologia fosse a atividade que estivesse sendo questionada pela primeira vez em mais de um milênio devido ao surgimento da ciência moderna. Entretanto, Newton assumiu sua postura teológica antes de haver sonhado em escrever os *Principia*, mas ele estava ciente das mudanças que lastravam o solo do cristianismo e dessa forma sua busca religiosa ao longo de sua vida foi na verdade salvar o cristianismo evitando as inconsistências e nesse ponto torna-se não apenas um cientista do séc. XVII, mas também um teólogo do séc. XVIII que tentava evitar a *heresia* de sua época, um drama central da civilização europeia, que originalmente cristã *converte-se* numa civilização científica. Talvez ele tenha dado os primeiros passos na defesa do cristianismo que levaram homens posteriormente como o filósofo e teólogo britânico, Gilbert K. (1874- 1936) a defender os valores cristãos contra os chamados valores modernos, o *cientificismo* reducionista e determinista em uma de suas principais obras, *Ortodoxia*²⁰⁵.

A meu ver, Isaac Newton *não era ariano*, nem convertido ao *arianismo*, tampouco *herético*. Nascido no seio de uma família de anglicanos puritanos do séc. XVII, seu comportamento parece mais uma atitude rebelde contra a tradição aceita, podendo ser apenas ressentimento. Combate-se o que não se possui ou o que não se entende. Ataca-se por, no fundo, desejar ardentemente mostrar fidelidade. Leve-se aqui em conta que para os exegetas puritanos, a grande apostasia era o Catolicismo Romano. Mas se para Newton era o *trinitarismo*, não haveria aqui alguma influência de sua tradição familiar e cultural, além de sua formação teológica protestante? Parece também ser central em sua ciência nesse comportamento *sincrético* o papel desse *arianismo* e seu descendente, o *unitarismo*, no mundo moderno.

Estados Unidos. Esse fenômeno se repetiu na década de 1790 com muitas igrejas congregacionais da Inglaterra e da Nova Inglaterra. Finalmente, em 1825 foi organizada uma nova denominação, a Associação Unitária Americana, tendo como *seminário oficial a Escola de Teologia de Harvard*. É até bem comum em nossos dias entre muitos católicos até influentes, que não percebem que é uma contradição de fé.

²⁰⁵ CHESTERTON, GILBERT K. *Ortodoxia*. London: John Lane, the Bodley Head, 1909.

Contrariando o sentido das opiniões e considerando alguns fatos históricos da época, possivelmente e não ao acaso, teria sido influenciado em seu pensamento reducionista pela crescente *histeria anticatólica* consequência do crescente temor de uma *influência católica* devido a conversão ao catolicismo de James II e de sua esposa Ana Hyde por volta de 1668²⁰⁶, ele como possível sucessor ao trono britânico. Levando em conta que o imperador inglês é o *pontifex maximus* do Império Britânico, estava aí formado pretexto para uma crise, a ponto de a corte inglesa exigir do Parlamento da Inglaterra a necessidade da apresentação de um novo Ato de Prova em 1673²⁰⁷.

Sob esse ato, todos os oficiais militares e civis precisavam prestar juramento em que eram obrigados a *repudiar a doutrina da transubstanciação* e denunciar certas práticas da Igreja Católica como sendo supersticiosas e idolátricas, além de receber a eucaristia sob os auspícios da Igreja Anglicana. Acontece que James II se recusou a realizar as duas ações, preferindo renunciar ao posto de Lorde Grande Almirante e dessa forma sua conversão ao catolicismo assim se tornou pública²⁰⁸.

Essa crise se aprofundou gradualmente, pois James II entendia que o controle das universidades era essencial para seu sucesso de reconduzir a Inglaterra ao catolicismo. Em 1687, sob a forma de uma *carta mandato* de James II, era determinado que se conferisse ao monge Alban Francis, OSB o diploma de M.A.(Master of Arts) sem exames e sem juramentos, um fato até corriqueiro na Universidade de Cambridge, mas deixava bem claro que a intenção era de residir na Universidade como um *fellow* e ninguém tinha dúvidas de que outros membros do clero católico desejavam igualmente firmar posições dentro das universidades²⁰⁹(principalmente no sistema *Oxbridge*, originário do mosteiro agostiniano de St. Frideswide em Oxford).

No confronto entre a universidade e o Parlamento, Newton desempenhou um papel de liderança com sua posição, uma tarefa que Newton tinha se preparado em seus anos de erudição bíblica. O padre Francis não recebeu o diploma, sobretudo por Newton ter-se recusado a se deixar intimidar²¹⁰.

Muitos dos biógrafos de Isaac Newton têm os seus trabalhos sobre questões religiosas de valor menor, seja por não terem compreendido, seja por preconceito religioso como o caso dos pensadores iluministas, ou seja, por não terem compreendido esses problemas; deixaram de perceber a grandiosidade de seu espírito polímata, pois existem muitas pessoas que se vangloriam do fato de participar ativamente da Igreja Católica ou mesmo nas Igrejas de outras confissões, de possuírem ministérios ou terem um cargo importante na comunidade eclesial. Essas pessoas se usam do fato da *pertença* na comunidade para substituir as *relações de serviço* por *relações de poder*, para dominar, oprimir, buscar promoção pessoal, econômica e *desvalorizar o outro* que faz parte da comunidade. A religião para tais pessoas é uma forma promover o culto a si próprio e buscar a satisfação dos seus próprios interesses. Nisso Isaac Newton, nos dá uma lição magnífica revelando sinceridade e esplêndida harmonia que regem e revelam, no seu nascimento, na sua vida e na sua morte, uma inteligência e mesmo uma *sabedoria* e verdadeiramente uma *providência*. Debruçando-se na leitura da Escritura Sagrada fez da religião um estudo voluntário e em todas as suas pesquisas e ações mostrou o mesmo inflexível apego a verdade e à virtude. Encerra suas atividades de matemático e físico para realizar o seu destino, que é o destino de todos: ser um Homem.

²⁰⁶ James II continuou a comparecer a serviços anglicanos até 1676. Jaime era *Herdeiro Presuntivo*, ou seja, provisoriamente herdeiro de um trono.

²⁰⁷ MILLER, JOHN. *James II*. New Haven: Yale University Press, 2000.

²⁰⁸ Idem.

²⁰⁹ WESTFALL, chap 11, p.474, 1996.

²¹⁰ WESTFALL, chap 11, p.478, 1996.

De qualquer forma, mantem-se em aberto para um aprofundamento as motivações e possivelmente as necessidades psicológicas que levaram Isaac Newton em direção ao seu projeto de estudo *teológico*, a harmonia de sua fé e a *sua ciência* além de sua *teologia antitrinitária*.

REFERÊNCIAS

- A BÍBLIA DE JERUSALÉM (BJ). São Paulo: Paulina, 1981.
- AMADO, A. T. F, SCUDERI, S. e SARAIVA, R. P. *Elementos de Matemática*, cap.3, p.59. Santos: Leopoldianum, 2005.
- BETTENCOURT, ESTEVÃO e CORRÊA LIMA, MARIA L. *Curso bíblico Mater Ecclesiae*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2011.
- CARROLL, JAMES. *A Espada de Constantino: A Igreja Católica e os Judeus*. Tradução de Renato Pompeu. Barueri: Manole, 2002.
- COHEN, I. BERNARD and WESTFALL, RICHARD S. *NEWTON, textos – antecedentes – comentários*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: UERJ- Contraponto. 2002.
- CORBIN, ALAIN (org). *História do Cristianismo*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.
- CRISTIANI, Monsenhor (Prelado da Sta. Sé). *Uma breve história das Heresias*. Tradução José Aleixo Dellanelo. São Paulo: Livraria e Editora, 1962.
- EUSÉBIO DE CESARÉIA. *História eclesiástica*. Tradução Monjas Beneditinas do mosteiro de Maria Mãe de Cristo. São Paulo: Paulus, 2000.
- FIGUEIREDO, FERNANDO ANTÔNIO. *Curso de teologia patrística: a vida da Igreja primitiva (Século I e II)*. I. Petrópolis: Vozes, 1983.
- FIGUEIREDO, FERNANDO ANTÔNIO. *Curso de teologia patrística: a vida da Igreja primitiva (Século III)*. II. Vozes, 1988.
- FORCE, JAMES E. and POPKIN, RICHARD H (editors). *Essays on the context, nature, and Influence of Isaac Newton's Theology*. International Archives of the History of Ideas, vol 129. Boston: Kluwer Academic Publishers, 1990.
- FORCE, JAMES E. and POPKIN, RICHARD H (editors). *Newton and Religion: Context, Nature, and Influence*. International Archives of the History of Ideas, vol 161. Berlin: Springer Science+Business Media Dordrecht, 1999
- FRANGIOTTI, ROQUE. *Histórias das Heresias (séculos I-VII)*. São Paulo: Paulus, 1995.
- GLEICK, JAMES. *Isaac Newton*. Tradução Álvaro Hattner. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- HALL, A. HUPERT and HALL, MARIE BOAS (edited and translated). *Unpublished Scientific Papers of Isaac Newton*. Cambridge: Cambridge University Press, 1978.
- JOÃO PAULO II. *Catecismo da Igreja Católica Edição Típica Vaticana*. São Paulo: Loyola, 2000.
- KELLY, J. N. D. *Early Christian Doctrines*, 4ª. ed. London: Adam & Charles Black, 1968.
- KELLY, J. N. D. *Patrística: origem e desenvolvimento das doutrinas centrais da fé cristã*. São Paulo: Vida Nova, 1994.
- MURPHY-O'CONNOR, JEROME. *Paulo - Biografia crítica*. Tradução de Barbara Theoto Lambert. São Paulo: Loyola, 2000.
- NEWTON, ISAAC. *As Profecias do Apocalipse e o livro de Daniel. As raízes do Código da Bíblia*. Tradução Carlos L. Salum e Ana Lucia da Rocha Franco. São Paulo: Pensamento, 2008.
- NEWTON, ISAAC. *Óptica*. Tradução, introdução e notas de André Koch T. Assis. São Paulo: Edusp, 1996.

NEWTON, ISAAC. *THE PRINCIPIA: Mathematical Principles of Natural Philosophy*. New translation by I. Bernard Cohen and Anne Whitmann assisted by Julia Budenz. Berkeley: University of California Press, 1999.

PADRES APOSTÓLICOS: *Clemente Romano, Inácio de Antioquia, Policarpo de Esmirna, O pastor de Hermas, Carta de Barnabé, Pápias, Didaqué*. Introdução e notas explicativas por Roque Frangiotti; tradução Ivo Storniolo e Euclides M. Balancin. São Paulo: Paulus, 1995.

RATZINGER, J. *Introdução ao cristianismo*. Tradução Pe. José Wisniewski Filho, SVD. São Paulo: Herder, 1970.

RICHARD S. WESTFALL- *Never at Rest: a biography of Isaac Newton* (8th reprinted of first paperback edition). New York: Cambridge University Press, 1996.

SÃO BOAVENTURA. *Recondução das Ciências à Teologia*. Tradução de Mário Santiago de Carvalho. Porto: Porto, 1996.

Sto. HILÁRIO DE POITIERS. *Tratado sobre a Santíssima Trindade*. Tradução Cristina Penna de Andrade. São Paulo: Paulus, 2005.

STRATHERN, PAUL - *Newton e a Gravidade*. Tradução de Maria Helena Geordane. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

ABSTRACT

In this essay I intend to present a Isaac Newton (1642-1727) which reveals an essential aspect of his intellectual personality that was absent in his traditional image. After his death he left behind a large set of unpublished manuscripts, mostly unfinished, which are directly linked to religion. His theological inquiries revolve around a highly heterodox interpretation of the Apocalypse of St. John and his relationship with Daniel's Prophecies, adopting a protestant interpretation that identifies the bestia bicorne (Rev 13:11) with the Western Catholic Church, going further, to identify its birth in the Trinitarian Church that was imposed in the sec. IV, as a result of the so called arian controversy.

Thus Isaac Newton stood clandestinely in a heretical position for both the Catholic Church and for the Church of England (protestant), of which he was a fervent believer, because he considered that the dogma of the Trinity was not related to early christianity

The essay intends to offer an explanation, contradicting the general opinion for Newton's behavior, not he considering nor converting to arianism, nor heretical, appearing more a rebellious attitude against the tradition accepted and influenced by some historical facts of the time. However, it remains an open question.

KEYWORDS

Faith and Reason, Faith, Religion, Trinitarianism, Dogma of the Holy Trinity

